



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**Ayla Nardelli Passadori
Natália Duane de Souza**

***Eu não te deixaria por nada, se possível: histórias de
colonos do Vale do Itajaí***

**RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*
ministrada pela Prof^o. Fernando Crocomo
no primeiro semestre de 2016
Orientador: Prof^o. Carlos Locatelli**

**Florianópolis
Julho de 2016**

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC	
ANO	2016.1	
ALUNO	Ayla Nardelli Passadori Natália Duane de Souza	
TÍTULO	Eu não te deixaria por nada, se possível: histórias de Colonos do Vale do Itajaí	
ORIENTADOR	Carlos Locatelli	
MÍDIA	<input type="checkbox"/>	Impresso
	<input type="checkbox"/>	Rádio
	<input checked="" type="checkbox"/>	TV/Vídeo
	<input type="checkbox"/>	Foto
	<input type="checkbox"/>	Website
	<input type="checkbox"/>	Multimídia
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)
	<input type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)
	<input type="checkbox"/>	Reportagem livro-reportagem ()
		Local da apuração: Vale do Itajaí, SC
		() Florianópolis (X) Brasil (X) Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: _____
ÁREAS	Agricultura familiar, histórias	
RESUMO	<p>Este Trabalho de Conclusão de Curso é um vídeo-documentário que busca mostrar dificuldades da vida no campo que famílias agricultoras encontram na região do Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Esse tipo de organização foi definido por lei em 2006 como atividade agropecuária desenvolvida com mão-de-obra familiar em propriedades de até quatro módulos rurais, sendo que maior parte da renda deve vir desse trabalho. No Brasil, 70% dos alimentos consumidos provém da produção dessas famílias. É esse o modelo que mais gera empregos na área rural, apesar de ocupar menos de 1/3 das terras produtivas. Desde a década de 90, através da luta de diversos agentes, não é mais vista como atividade de subsistência, porém famílias enfrentam desafios para manter produção rentável. A falta de assistência técnica e crédito para implantação de inovações tecnológicas, ou o conhecimento de que existam, são algumas das causas. Entraves como escoamento e comercialização também estão presentes. Chefes de família encorajam os filhos a morar em cidades para escapar do campo. Como consequência, não se encontram sucessores. Diante dessa realidade, nos questionamos: como as famílias agricultoras percebem suas condições de vida no campo e</p>	

	<p>profissão? O vídeo documentário, de 30 minutos, teve como linha narrativa as entrevistas com famílias agricultoras sobre três principais vertentes: (a) história individual, (b) dia a dia profissional e (c) implicações na vida pessoal e familiar. Tratando-se de agricultura familiar, essas três esferas se sobrepõem. Buscou-se selecionar famílias que contribuem com o cultivo de produtos agrícolas de destaque na economia catarinense.</p>
--	--

“O besouro só voa porque ignora as leis da aerodinâmica: da mesma forma, se conhecesse teoria econômica, o agricultor abandonaria irremediavelmente sua atividade”.
(Ricardo Abramovay)

SUMÁRIO

1 RESUMO	7
2 APRESENTAÇÃO DO TEMA	10
2.1 Histórico	12
2.2 Conceito	15
2.3 Perfil do agricultor familiar	17
2.4 Problemáticas do campo	19
2.5 Culturas retratadas.....	21
3 JUSTIFICATIVA	25
3.1. Da escolha do tema	25
3.2 Da escolha da mídia	26
4 PROCESSO DE PRODUÇÃO	28
4.1 Pré-apuração	28
4.2 Produção	31
4.3 Pós-produção.....	35
4.3.1 Transcrição.....	35
4.3.2 Roteiro.....	36
4.3.3 Estrutura narrativa	37
4.3.4 Edição.....	38
4.3.5 Finalização	39
5 DISTRIBUIÇÃO	40
6 RECURSOS	40
7 DIFICULDADES E APRENDIZADOS	41
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
9 FILMOGRAFIA.....	46
ANEXOS.....	48
ANEXO A- Entrevista Haverroth	48
ANEXO B- Roteiro de perguntas	61
ANEXO C- Roteiro do documentário	63

1 RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é um vídeo-documentário que busca mostrar dificuldades da vida no campo que famílias agricultoras encontram na região do Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Esse tipo de organização foi definido por lei em 2006 como atividade agropecuária desenvolvida com mão-de-obra familiar em propriedades de até quatro módulos rurais, sendo que maior parte da renda deve vir desse trabalho. No Brasil, 70% dos alimentos consumidos provém da produção dessas famílias. É esse o modelo que mais gera empregos na área rural, apesar de ocupar menos de 1/3 das terras produtivas. Desde a década de 90, através da luta de diversos agentes, não é mais vista como atividade de subsistência, porém famílias enfrentam desafios para manter produção rentável. A falta de assistência técnica e crédito para implantação de inovações tecnológicas, ou o conhecimento de que existem, são algumas das causas. Entraves como escoamento e comercialização também estão presentes. Chefes de família encorajam os filhos a morar em cidades para escapar do campo. Como consequência, não se encontram sucessores. Diante dessa realidade, nos questionamos: como as famílias agricultoras percebem suas condições de vida no campo e profissão? O vídeo documentário, de 30 minutos, teve como linha narrativa as entrevistas com famílias agricultoras sobre três principais vertentes: (a) história individual, (b) dia a dia profissional e (c) implicações na vida pessoal e familiar. Tratando-se de agricultura familiar, essas três esferas se sobrepõem. Buscou-se selecionar famílias que contribuem com o cultivo de produtos agrícolas de destaque na economia catarinense.

Palavras-chave: Agricultura familiar, Vale do Itajaí

2 APRESENTAÇÃO DO TEMA

A agricultura familiar, nesses termos exatos, não é pauta comum dos meios de comunicação. Quando o é, certamente é para falar de políticas públicas desenvolvidas pelo governo para esse setor, tanto nos meios de comunicação públicos e em grupos de comunicação privados. Anualmente, as verbas reservadas para o Plano Safra da Agricultura Familiar e o crescimento em relação ao ano anterior pautam jornais. Outros programas federais como Bolsa Família, Luz para todos, que integram o Plano “Brasil sem Miséria” são pautados, mas não em relação direta com a agricultura familiar.

A questão permanece: quem são esses agricultores familiares? Onde estão, como vivem e que dificuldades enfrentam? Como veremos mais à frente, o termo é abrangente e esconde a heterogeneidade do grupo, ainda mais em um país de extensão tão grande como é o Brasil.

A exceção foi o ano de 2014, declarado pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) como ano internacional da agricultura familiar. O intuito era colocar essa categoria como centro das políticas públicas em diversas nações e relembrar a importância desses empreendedores para a segurança alimentar. Ao dar destaque a esse tema, o órgão pautou diversos meios de comunicação ao longo do ano, principalmente na data de 25 de julho, quando se comemora o dia do agricultor familiar.

Alguns programas que têm como objetivo retratar o Brasil rural merecem ser mencionados. O programa televisivo *Globo Rural* é com certeza o de maior destaque e abrangência. Segundo Zé Hamilton Ribeiro, em entrevista ao UFSC entrevista em setembro de 2011¹, não se trata de um programa agrotécnico, mas pretende mostrar a alma do homem do campo. A isso o repórter atribui a longevidade do programa, que entrou no ar em 1980².

¹ TV UFSC. UFSC Entrevista: José Hamilton Ribeiro
<https://www.youtube.com/watch?v=nbp7Y89E-8U>

² Documento eletrônico não-paginado. Disponível em:
<<http://revistagloborural.globo.com/Noticias/noticia/2015/11/globo-rural-celebra-30-anos-de-existencia.html>>

Parece que esse depoimento é verdade sobre as matérias que o próprio José Hamilton faz. Por exemplo, na reportagem “Zé Bilico”, vai a fundo na vida do senhor de então 84 anos. Além de mostrar os equipamentos antigos que utiliza na fazenda, fala do dia a dia, hábitos, vida pessoal, família e processos da propriedade.

Outros quadros e reportagens do programa, apesar de não usarem linguagem técnico, tratam das tecnologias, negócios e métodos utilizados na propriedade. Mostram eventualmente a vida de pequenos produtores – como ainda costumam a ser tratados esses agricultores –, costumam priorizar agronegócios e assuntos mais técnicos. É comum fazerem reportagens com longas entrevistas com agrônomos explicando soluções para certo problema encontrado na lavoura e responderem cartas de agricultores.

Há casos em que, quando tratam de mostrar a vida de agricultores, o viés é voltado para cultura e tradições no campo. Um exemplo foi a matéria de 1º de maio de 2016 sobre a troca de dia no município de Via Monte, em Minas Gerais. Além da ênfase sobre o desaparecimento desse costume, a rotina desse trabalhador é idealizada. A vida no campo é tranquila, com maior senso de solidariedade e simples. Inclusive, no começo do programa, acompanham a operação para tirar uma vaca de um barranco. A cena parece engraçada e cômica ao telespectador, mas parece subestimar a importância que aquela vaca deve ter para os donos.

Quanto aos documentários, parte da produção é sobre culturas orgânicas, em que os agricultores familiares têm exercido de fato um papel importante. Aqui, como exemplo, podemos citar o documentário “Brasil Orgânico”. Outros exemplos são “Agricultura Tamanho Família”, de Sílvia Tendler, e uma edição do programa “Caminhos da reportagem” da TV Brasil. Nessas produções, houve a preocupação em mostrar a importância da agricultura familiar e sua diversidade, destacando exemplos de produtores em diferentes regiões do país. Ainda assim, muitas vezes o que se buscou foram estabelecimentos bem estruturados para mostrar justamente a viabilidade da agricultura familiar. As dificuldades mencionadas são geralmente passadas e trilhadas na construção da propriedade.

Nas produções mencionadas acima, há o consenso da importância e necessidade da agricultura familiar para a segurança alimentar, já que 70% dos alimentos consumidos pelos brasileiros são produzidos por esses trabalhadores (FAO, 2014). Muito tempo conhecidos como “agricultores de subsistência” e “pequenos produtores”, conseguiram conquistar seu espaço frente à sociedade recentemente, como vamos contar abaixo.

2.1 Histórico

A agricultura familiar só foi legitimada pelo governo na última década, com a Lei da Agricultura Familiar (2006), mas está presente no território brasileiro desde o começo da sua história. Mattei (2014) remonta ao período colonial, em que uma agricultura de subsistência era mantida por trabalhadores ao lado de grandes propriedades voltadas para a monocultura de exportação. Primeiro no Nordeste, com o ciclo da cana, esse modelo se observou nos ciclos subsequentes em outras regiões, como Norte (borracha), Sul e Sudeste (pecuária). Já se encontra nesse passado a fonte de concentração de terra, que marca profundamente o modelo agrário brasileiro.

Mesmo com esse tipo de produção presente às margens das grandes propriedades, nunca foi reconhecido de fato até o século XIX. A situação começa a se alterar com a vinda dos imigrantes europeus para o Sul do Brasil, apoiados pelo Império para cultivar terras privadas (SCHNEIDER, CASSOL, 2013, p. 6). A partir de 1850, com a Lei de Terras, elimina-se as formas de apropriação de terras que ocorriam até então por esses imigrantes. Só é proprietário da terra quem as tinha até o momento, sendo que todas as terras desocupadas foram classificadas como pertencentes ao Estado.

A escravidão também é um dos fatores que impediu a formação de um campesinato, já que as *plantations* dependiam muito desse tipo de mão de obra (SCHEIDER, CASSOL, 2013). Mesmo após a abolição da escravidão, em 1888, as novas relações de trabalho “reproduziam a cultura escravocrata e empurravam essa população à exploração e exclusão social” (MATTEI, 2014). Regiões Sul e Sudeste permanecem como exceção no modelo de trabalho.

No pós-guerra, o Brasil vislumbrou a modernização do campo. As políticas sempre beneficiaram os grandes agricultores, e os pequenos produtores ficaram à margem desse processo. A partir da década de 50 a academia passa a debater a questão agrária no Brasil e a sua reforma, que começa a fazer parte da discussão política. Durante o governo militar, no entanto, as políticas voltadas para pequenos agricultores tinham mais a ver com a ocupação das fronteiras que para beneficiá-los (MATTEI, 2014).

Muitos autores alegam que o fortalecimento desse grupo de agricultores começa com a promulgação da Constituição de 1988. A Carta Magna, também conhecida como Constituição Cidadã, veio para descentralizar ações do Estado com objetivo de propiciar acesso aos recursos para grupos que até então foram ignorados. Os agricultores que não possuíam muitas terras se enquadravam nessa proposta, junto de outros grupos como indígenas, quilombolas, idosos, mulheres, adolescentes, etc.

A década de 1990 foi de intensificação da luta dos agricultores por reconhecimento. Zander (2010) identifica como principal motivo a promulgação do Tratado de Assunção, que criou o Mercosul, em 1991. Após a promulgação, foram criadas câmaras de debate e grupos de trabalho para discutir como seria a implementação da zona de comércio, novas regras, etc. Os pequenos agricultores – não só brasileiros, mas também uruguaios e paraguaios - ficaram fora das negociações que os afetariam diretamente. A insatisfação desse grupo levou à articulação política e aumento das pressões.

Nos anos seguintes, o autor destaca alguns marcos que contribuíram para o fortalecimento da agricultura familiar. Em 1993, houve um seminário sobre política agrária em Belo Horizonte, e no mesmo ano foi criado no âmbito do Ministério da Agricultura, Abastecimento e Reforma Agrária (antigo MARA) um grupo de trabalho para analisar temas da pequena produção. As centrais político-sindicais dos quatro países afetados pelo Tratado de Assunção também se reuniram em Montevideu. Seguiram-se mais reuniões de dirigentes sindicais em 1994, o que resultou na aceitação do movimento sindical na implementação do tratado. Inclusive, Zander (2010) ressalta

que muitas das propostas feitas pelo movimento sindical dentro das negociações foram reconhecidas como necessárias e foram abarcadas dentro do Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), criado em 1996.

O Pronaf foi o reconhecimento dessa categoria de agricultores pelo Estado brasileiro. A partir da implementação do programa, esses trabalhadores – que inclui também assentados - puderam ter acesso à financiamento com as menores taxas de juros do mercado, visando a geração de renda (VIRGOLLIN, HAVERROTH, BRUM, 2013). Desde então, outros tantos programas foram criados no âmbito dos Ministério de Desenvolvimento Agrário e Ministério do Desenvolvimento Social com o objetivo de romper entraves encontrados por agricultores, que vão desde a falta de terra até a dificuldade de comercialização da produção desenvolvida na propriedade.

2.2 Conceito

Apesar de utilizarmos o termo “agricultor familiar” para alcinhar os camponeses neste Trabalho de Conclusão de Curso, devemos lembrar que se trata de um termo que começou a ser utilizado no Brasil somente a partir da década de 90. Zander (2010) destaca que o relato histórico daquela época é esparso, mas descreve o que seria a “primeira menção do termo”:

(...) organizou-se no primeiro semestre de 1993 um seminário sobre política agrícola em Belo Horizonte, onde foram reunidos representantes das federações estaduais, contando-se ainda com a participação de técnicos governamentais inclusive alguns ligados à extensão rural de Minas Gerais. Consta que neste evento, uma técnica da extensão rural mineira foi quem, pela primeira vez, insistiu persuasivamente que a expressão que deveria designar aquele conjunto de produtores deveria ser “agricultura familiar”, deixando para trás o impreciso uso da expressão “pequenos produtores”. (ZANDER, 2010, p. 193).

Até o momento, esses agricultores eram tratados de diversas outras formas. Minifundiários, pequenos agricultores, agricultores de subsistência são alguns exemplos, além das expressões regionais, como lavrador utilizado no Nordeste e colonos no Sul.

Logo, o termo agricultura familiar teve sua origem e consagração no Brasil no contexto da criação do Mercosul e instituição do Pronaf. A partir de então, pesquisadores tentaram dar sustentação teórica ao vocábulo, que hoje é aceito e generalizado.

Em 2006, com a lei 11.326, também conhecida como Lei da Agricultura familiar, definiu-se quatro critérios para que agricultores possam se encaixar nessa categoria e se beneficiarem das políticas públicas. Os pré-requisitos incluem: não deter mais que quatro módulos rurais, utilizar predominantemente mão de obra familiar, ter uma renda mínima advinda do próprio estabelecimento e a direção da propriedade for exercida junto com a família. Estabelece os casos que não necessariamente atendem a esses requisitos, mas também são considerados agricultores familiares (silvicultores, aquicultores e extrativistas). A lei também sofreu alterações em 2009 e 2011, de forma que enquadrasse outros grupos como quilombolas e indígenas.

A lei acima define o termo no Brasil, mas Macedo (2014) - em artigo feito para a publicação “Hortaliças”, da Embrapa - indica que não há uma definição globalmente aceita de agricultura familiar. O único fator em comum seria a sua condução da propriedade, necessariamente familiar. Exemplifica com o caso dos Estados Unidos, onde o tamanho é irrelevante para definir a categoria, enquadrando propriedades de áreas variadas. De acordo com cada país, os critérios de tamanho, renda e nível de produção variam.

A definição pela lei em 2006 gera, inclusive, controvérsias. Na mesma publicação mencionada acima, a pesquisadora Maria Thereza Pedroso argumenta que a lei, que estabelece os critérios para o agricultor assinar a Declaração de Aptidão ao Pronaf, estão em desacordo com a realidade “no sentido de que existem pequenos

produtores de base familiar que querem ter acesso ao crédito e se inserir nos programas do governo e não conseguem”.

Zander (2010) também comparte a mesma opinião sobre a utilização do termo e critérios para enquadrar produtores nessa categoria:

(...) durante os últimos 15 anos, observando a evolução da principal política para a agricultura familiar, a sua implementação vem observando crescentes entraves, exatamente porque a expressão é limitadora em face da heterogeneidade estrutural que caracteriza as áreas rurais.

O autor não desconsidera a importância do termo e sua institucionalização que representou uma vitória para agricultores, mas deixa claro que hoje a expressão impede a implementação de políticas públicas de forma mais efetiva. O que define os agricultores familiares é a integração ao mercado – o que os difere dos camponeses – e gestão familiar. Logo, o tamanho da propriedade e proporção advinda da atividade não deveriam importar.

Mattei (2014), no entanto, atribui a esse marco legal a iniciativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de, pela primeira vez em 2006, coletar informações específicas sobre agricultura familiar no Censo Rural.

2.3 Perfil do agricultor familiar

Conforme o Censo Agropecuário de 2006 (IBGE, 2009), cerca de 85% de todos os estabelecimentos rurais são dirigidos por famílias que se enquadram no conceito estabelecido pela Lei da Agricultura Familiar. Ocupam, no entanto, menos de ¼ da área utilizada pela atividade agropecuária. Apesar de deter menores áreas para a produção, são responsáveis por cultivar a maior parte dos gêneros alimentícios mais populares no Brasil, como mandioca (87%) e feijão (70%). Outros produtos que têm grande participação são milho, suínos e aves. Para isso, empregam e ocupam cerca de 75% da população rural.

Santa Catarina é o estado com maior porcentagem de estabelecimentos caracterizados como agricultura familiar, que representam 82% do total de estabelecimentos agropecuários. Esses locais são responsáveis por 2/3 da produção agropecuária. Ao analisar cada cultura, essa categoria produz com destaque mandioca (93%), milho (77%), leite (87%), feijão (76%), bovinos (65%), suínos (67%) e arroz (64%). Cerca de 85% dos proprietários estão na direção do estabelecimento há mais de cinco anos. Para Mattei (2014), esse dado evidencia o lento processo de mudança na estrutura fundiária.

Cabe ressaltar aqui que esses são os dados mais recentes sobre a agricultura familiar, ainda que sejam de 2006. Um novo Censo estava previsto para 2017, mas foi cancelado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por conta de cortes na verba orçamentária realizadas pelo Ministério do Planejamento³.

Frente à diversidade da agricultura familiar, organizações bilaterais e estudiosos propuseram diversas classificações para os produtores (OLALDE e PORTUGAL, 2004). Os critérios para diferenciar os tipos abrangem desde tecnologia empregada, tamanho da propriedade e grau de capitalização até orientação para subsistência ou mercado.

Apesar da conquista de diversas políticas públicas desde a década de 90, muitas das dificuldades permanecem nesse meio. Não se desconsidera as iniciativas do Estado em solucionar essas situações, mas se luta pela sua continuidade, implementação efetiva e ampliação. Um estudo da FAO/INCRA (2000) propôs a seguinte divisão: agricultores capitalizados (A), em processo de capitalização (B), em descapitalização (C) e descapitalizados (D). Esse último grupo representava cerca de 39,4% de todos os estabelecimentos de agricultores familiares. Na região sul, a porcentagem cai para 24,6%. Ainda assim, se juntado com o grupo de agricultores familiares em descapitalização, somam 40%.

³ Documento eletrônico não paginado. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/dissemnacao/destaques/2016_04_18_comunicado_censo_agropecuario.shtm>

Tratam-se de agricultores que tem menos terras, menos acesso à tecnologia, crédito, financiamento para investimentos e menor renda bruta anual, às vezes com renda negativa, seja por produzir para subsistência ou por conta de riscos.

A partir da década de 1980, passou a existir uma maior preocupação com a preservação ambiental e com os alimentos sem produtos químicos. Junto a isso, a demanda por produtos orgânicos fez com que profissionais que têm especialização e querem sair da cidade passassem a morar e trabalhar com agricultura orgânica no meio rural. Os *neo-rurais*, como são chamados, têm capital e mais conhecimento técnico para investir nesse nicho específico, como fruticultura de mesa, criação biológica de animais, piscicultura, horticultura em estufa (MATTOS, 2010).

2.4 Problemáticas do campo

O êxodo rural, embora não aconteça de forma tão intensa quanto no século passado, ainda é uma preocupação. Em 1960, a população rural era de 54% e começa a decair gradativamente nas décadas seguintes (44% em 1970, 32% em 1980, 24% em 1991 e 22% em 2000). Segundo o Censo Populacional de 2010⁴ (IBGE), cerca de 30 milhões de pessoas vivem no meio rural, o que corresponde a 15% da população nacional. Buainaim (2003) aclara que esse fenômeno se deu no Brasil não pela atratividade das cidades, mas pela falta de opções no campo. Evidencia como razões para a saída a insegurança da posse de terra, mecanização do campo, falta de acesso à assistência técnica e crédito.

Entre as consequências desse processo, está a falta de sucessores que continuem a gerenciar a propriedade. Em especial na agricultura familiar, a gestão da propriedade deve ser de membros da família. O que se observa, no entanto, é que os filhos não veem futuro no campo. Não há mais a pressão moral para que os filhos sigam a profissão dos pais. Bem pelo contrário. Em estudo realizado no município de

⁴ Documento eletrônico não paginado. Disponível em:
<<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=11&uf=00>>

Saudades, em Santa Catarina, Abramovay (1998) percebe que os pais tentam não influenciar nessa escolha. No caso das mulheres, costumam ser mais incentivadas a continuar seus estudos em outros municípios.

Além do envelhecimento do campo, Abramovay (1998) aponta a masculinização da juventude como consequência do êxodo rural principalmente de jovens mulheres. Os pesquisadores costumam chamar esse processo de “celibato”, no sentido de que homens não conseguem constituir família. Considerando que a agricultura familiar depende da continuidade desta unidade na direção de uma propriedade, ter filhos e reproduzir o desejo de ser agricultor nos filhos é de grande importância. Segundo Costa (2013), o desequilíbrio demográfico é evidente no sul do Brasil chegando a 118 homens para cada cem mulheres.

Como causa do persistente êxodo rural, os pesquisadores apontam a falta de acesso às terras, falta de crédito e assistência técnica. Como mencionado em outras seções deste Trabalho de Conclusão de Curso, o movimento para a legitimação da agricultura familiar na década de 90 foi justamente para criar políticas públicas que atendessem essa necessidade dos produtores. Embora tenham alcançado nessa meta através da criação do PRONAF, Virgolin, Haverroth e Brum (2013) ressaltam que, ao longo da história do programa, a renda bruta máxima permitida para adquirir financiamento foi aumentada de forma que os agricultores mais capitalizados fossem beneficiados. Destacam também como falha do programa a falta de um acompanhamento e planejamento para o agricultor e contínua submissão ao banco, já que esses agricultores mais pobres não são vistos como clientes.

Mesmo para agricultores que têm condições de produzir – possuem terra, mão de obra e assistência -, ainda assim podem enfrentar dificuldades em vender seu produto. Pellin *et al.* (2014), ao analisar o Projeto Agroecológico CEMEAR, com sede em Presidente Getúlio, identificaram que a inserção dos produtos dos agricultores no mercado e transporte eram umas das principais funções do projeto, contribuindo para o aumento da renda. Também há políticas públicas no âmbito do Pronaf, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), em que obrigam organismos federais e

escolas a comprarem uma porcentagem dos produtos para alimentação diretamente dos agricultores familiares. Haverroth (2016) explica que por mais que tal política represente uma oportunidade para agricultores, envolvem grandes problemas de logística: como um agricultor pode fornecer alimentos frescos semanalmente a várias escolas? Aponta que só possível fazer essa distribuição através de organizações como cooperativas.

2.4 Culturas retratadas

Produto de troca entre colonizadores portugueses e índios no início do século XVI, o fumo passou a ter presença expressiva 400 anos depois. Durante a época colonial, era plantado na região Nordeste, no século XX se expandiu para o Centro-Oeste e foi nos anos 1980, que a região Sul passou a concentrar a produção de fumo brasileira, devido à disponibilidade de mão de obra. Esta se refere a famílias agricultoras que trabalhavam e ainda trabalham para empresas multinacionais como Souza Cruz S.A. (integrante da British American Tobacco), Universal Leaf Tobacco, Alliance One International, num sistema integrado de produção.

A inserção da agricultura familiar na lógica capitalista é um processo lento que perpassa diferentes etapas, todavia consolida-se sobremaneira após os anos 1980, período em que a estrutura familiar de produção passa a ser utilizada como elemento, visando dar vazão às necessidades do processo de modernização no campo (DUTRA et al., 2013).

A fumicultura é destinada ao mercado externo, sendo o Brasil o segundo maior produtor mundial, com mais de 85% exportados em 2014/2015 (MENDES *et al.*, 2015). Segundo a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Santa Catarina (2015), existem 44.910 famílias fumicultoras, sendo responsáveis por 31% da produção do tabaco brasileiro na safra de 2014/2015. A cultura de fumo no estado se estende em 80% das cidades, entretanto a região que mais produz é a do Vale do Itajaí e Sul com aproximadamente 29% da produção catarinense (SILVA, SCHÜTZ e SOUZA, 2012).

As empresas que atuam na região são Souza Cruz S.A., Universal Leaf Tobacco e Alliance One International.

No sistema integrado de produção do tabaco, as empresas fornecem os insumos, investimentos em infraestrutura e assistência técnica, exigindo do pequeno e médio agricultor uma produção nos padrões de qualidade e a exclusividade de comercialização. A família agricultora produz totalmente subordinada à empresa multinacional, submetendo todos os integrantes da família a trabalhar. A integração com os agricultores garante produção de qualidade e com baixos custos, pois a empresa não precisa comprar terras, ampliar contratação da mão-de-obra, nem se preocupar com questões trabalhistas (ALVES et al., 2005).

Antes dos agricultores entregarem toda a produção de fumo, já fazem o registro do plantio da próxima safra, através do contrato de compra e venda, onde são estipulados quantos mil pés serão plantados, assim como a quantidade de adubo, semente, veneno, material de canteiro (construção das piscinas: lonas, bandejas, substrato) para a produção das mudas. A partir do fechamento do contrato, a empresa já tem como fazer uma estimativa de quanto o produtor vai colher na próxima safra. (HARTWIG, 2009, p.2)

Apesar da garantia de compra, o preço varia de acordo com a classe que é definida pelo funcionário da empresa na correia. O agricultor chega com blocos de folhas compactadas já classificadas por ele mesmo, porém o funcionário os abre com uma foice e determina, numa inspeção a olho nu, a classe e, assim, o quanto o agricultor vai receber.

Segundo o último Censo Agropecuário de IBGE, de 2006, a produção leiteira é proveniente da pequena propriedade rural, sendo a agricultura familiar responsável por 94,24% do leite produzido no estado. Este dado estaria relacionado à migração do agricultor de pequeno e médio porte que vêm de outras culturas, como a avicultura e suinocultura. Muitas vezes, essa família agricultora está à procura da renda diária, quinzenal ou mensal que o leite proporciona (COLETTI e LINS, 2009). A maioria das

propriedades começa a atividade utilizando os animais já disponíveis e técnicas de produção para o autoconsumo. Quando se passa a vender, amplia-se o número de animais, busca-se a melhoria genética e novas técnicas de produção. Igualmente há investimentos na estrutura física de ordenha e resfriamento.

A suinocultura também é importante para a economia catarinense. A região sul do país foi responsável por 66,3% do abate de suínos, tendo Santa Catarina como maior produtor. O Estado teve, além disso, incremento de 10,7% nas exportações do segundo semestre, levando ao melhor resultado das exportações nos últimos sete trimestres (IBGE, 2015). O sistema de produção até os anos 1980 era controlado integralmente pelo agricultor, que era também o dono da terra, das instalações, equipamentos e insumos -- estes produzidos pela própria família como maneira de cortar gastos. Naquele momento, a relação com a agroindústria era comercial, de compra e venda, e também adquiria medicamentos desta.

A partir dessa década, a relação passou a ser de concentração de produção: o aumento do número de suínos é exigido, acompanhado de certas qualificações do agricultor (COLETTI e LINS, 2009). Por exemplo, inicialmente a propriedade deveria ter três matrizes, logo o mínimo foi se alterando gradativamente. Encontra-se, então, uma seleção, por parte da agroindústria que agora interfere na produção de suinocultores. A empresa fornece os animais, insumos, medicamentos, assistência técnica e sêmen. Ficam a encargo da família agricultora, a mão-de-obra, as instalações e os equipamentos. Em algumas integrações o suinocultor recebe preço diferenciado devido à qualidade da carne. O agricultor, então, altera seu ritmo pela necessidade de produção da agroindústria.

A agricultura orgânica aliada ao pequeno agricultor almeja promover qualidade de vida ao produtor e consumidor. Isso denota relação paralela entre desenvolvimento sustentável e ecológico com manutenção de direitos humanos e sociais. A agricultura orgânica promove

(...) auto-sustentação da propriedade agrícola no tempo e no espaço, a maximização dos benefícios sociais para o agricultor, a minimização da dependência de energias não renováveis na produção, a oferta de produtos saudáveis e de elevado valor nutricional, isentos de qualquer tipo de contaminantes que ponham em risco a saúde do consumidor, do agricultor e do meio ambiente, o respeito à integridade cultural dos agricultores e a preservação da saúde ambiental e humana. (BRASIL, 2007, p. 1-2).

Os dois modelos são próximos, pois famílias agricultoras são responsáveis por 90% da cultura orgânica no Brasil (MAPA, 2008). Para a Caporal e Costabeber (2007), esse tipo de produção assume papel fundamental na criação de condições para a permanência do pequeno agricultor no seu ambiente de negócios. Um fator que reafirma essa informação é que a cultura orgânica é formada por cooperativas que levam as frutas e hortaliças ao consumidor, sendo destacadas as feiras por ser possível oferecer uma maior diversidade de produtos e alcançar uma melhor remuneração, sem precisar praticar preços de venda superiores. Começam a surgir opções de comercialização através de intermediários, como mercados e até mesmos sites, mas o agricultor deve fugir dessas alternativas para garantir maior apropriação do lucro do preço final de venda (CAMPANHOLA e VALARINI, 2001).

Dentre as culturas de carne aqui destacada, a piscicultura é a única que tem mercado voltado ao próprio Estado, sendo parte absorvido pelo Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo. O destino da produção é de 50% para os pesque-pagues, 30% para as indústrias e 20% atendem peixarias, restaurantes, vendas na propriedade. Segundo Casaca, Silva e Silveira (2014), a maior parte da cultura é feita por agricultores familiares, sendo 2.845 o número de produtores profissionais que obtiveram 22.423 toneladas de peixe na safra de 2013.

3 JUSTIFICATIVAS

3.1 Da escolha do tema

Esses dados expostos na apresentação deste Trabalho de Conclusão de Curso confirmam a importância da agricultura familiar em três esferas, como defendido por Mattei (2014). Primeiramente, por ser responsável para a produção de gêneros alimentícios que tem como destino a mesa dos brasileiros, contribui ativamente para a segurança alimentar. Esse papel vem inclusive sendo reforçado e incentivado com o Programa de Aquisição de Alimentos do Governo Federal. Através desse programa, o governo adquire produtos de agricultores familiares para o Bolsa Família e formação de estoques de alimentos. Órgãos públicos e escolas devem obter no mínimo 30% dos alimentos de agricultores familiares.

Em segundo lugar, os estabelecimentos familiares proporcionam emprego para a população rural de forma mais significativa que a agricultura patronal. Isso é importante pelo fato de que o êxodo rural, apesar de não tão intenso, segue ocorrendo e são esses empregos que ainda seguram parte da população do campo.

Mattei (2014) ressalta que há benefícios desse tipo de organização que vão além da produção. Se comparada com o agronegócio, a agricultura familiar causa muito menos impactos ambientais além de povoar áreas. A preservação ambiental é outro fator que o Governo Federal tenta promover através do Programa Bolsa Verde. Assim, as famílias em situação de extrema pobreza receberiam uma renda por promover a conscientização ambiental em suas localidades (VIRGOLIN, HAVERROTH e BRUN, 2013).

A revolução tecnológica de 1970 não cumpriu totalmente a promessa de melhorar a vida no campo. Ela exclui: nem todos agricultores familiares têm acesso ao capital e a essas tecnologias. Além disso, as exigências do mercado e da agroindústria extenuam o agricultor, que deve seguir o ritmo imposto.

3.2 Da escolha da mídia

“Poderíamos dizer que o documentário é o que aqueles que se consideram documentaristas produzem” (NICHOLS, 1991, tradução nossa⁵). Considerando que somos estudantes de jornalismo e não de cinema, e que nossa experiência com vídeo até então foi voltada para a produção televisiva, a assertiva do teórico de cinema Bill Nichols poderia nos deixar livre para inserir elementos e estruturas do jornalismo de televisão. Porém, o modelo de passagem do repórter, texto em *off* e sonora faz com que o jornalista ocupe certo espaço do trabalho final, quando a intenção é deixar que famílias agricultoras contem elas próprias suas histórias e percepções sobre seu trabalho e sua existência na esfera socioeconômica brasileira.

Optamos pelo vídeo documentário por, além de propor desafios devido ao fato de ser nossa primeira experiência, este se mostrar como um formato em que se possibilita expandir a utilização da subjetividade de quem retrata.

O documentário de criação fala na primeira pessoa, confessa a sua subjetividade, enquanto a grande-reportagem ou o inquérito escondem esta subjetividade sob uma pretensão à universalidade. A forma (luz, enquadramento, ritmo de montagem, tipos de sequência) têm um papel estrutural. (JESPER, 1998, p.175)

Nichols (2001) aponta que parte dos cineastas tempera a representação do mundo que compartilhamos com a sua própria visão deste; outros acabam por evidenciar a fidelidade do retrato, sem deixar que o estilo e a percepção do cineasta predominem sobre a história. Escolhemos seguir este último exemplo, pois nos permitiu usar a linguagem narrativa do cinema, que abre caminho para subjetividade, casada com o preceito de veracidade do jornalismo.

A assertiva do teórico que está no início desta parte denota que a definição de documentário é volátil e se altera de acordo com o que os documentaristas consideram admissível numa determinada época e lugar. Nichols sustenta que esse formato se destaca da ficção por guardar o estatuto de evidência do “mundo histórico”, o que o ratifica como fonte de conhecimento. “Documentários nos mostram situações e eventos

⁵ “We could say that documentary is what those who consider themselves to be filmmakers make”

que são reconhecíveis como parte de um campo de experiência compartilhada: o mundo como nós o conhecemos e enfrentamos, ou como nós acreditamos que outros o enfrentam” (NICHOLS, 1991, p. xi-x).

Tendo em mente a função social do documentário, a subjetividade que buscamos se relaciona ao estilo de narrativa. De acordo com Colleyn,

O estilo do documentarista não corresponderia simplesmente a um “ornamento” artificial aplicado a uma realidade pré-existente ao momento da filmagem. O trabalho do cineasta inclui uma articulação dos elementos fílmicos que ressalte o que deve ser visto ou mostrado. (COLLEYN, 1993, p. 15 *apud* BARTLOMEU, 1999, p. 19⁶).

Logo, esta qualidade não deve interferir na informação, distorcer os fatos. Serve para contar o retrato das famílias agricultoras, sendo fiel a ele, com uma visão própria. Jaspers (1998) afirma que essa subjetividade, a criação artística não podem intervir em regras deontológicas e metodológicas essenciais do jornalismo.

4 PROCESSO DE PRODUÇÃO

4.1 Pré-apuração

A pesquisa para este trabalho começou em março de 2016, pouco antes deste semestre começar. O atraso, em comparação aos colegas da disciplina Projetos Experimentais, se deve à mudança da pauta que tínhamos no segundo semestre de 2015, em Técnicas de Projetos Experimentais. Antes, o documentário relataria as condições de trabalho em frigoríficos. Porém, como queríamos acompanhar dois funcionários em um dia comum dentro da empresa, recebemos respostas negativas e uma inicialmente positiva que, no final de fevereiro, tornou-se também negativa. Optamos por mudar a

⁶ COLLEYN, Jean-Paul. *Le regard documentaire*. Paris : Editions du Centre Pompidou, 1993

pauta pois consideramos essencial mostrar o trabalhador na rotina do frigorífico, senão o material seria similar a outros..

Decidimos a nova pauta em reunião com o orientador Professor Carlos Locatelli no dia 9 de março. A ideia inicial – e que acabou prevalecendo – foi de fazer perfis de agricultores familiares em Santa Catarina. Mais tarde, concentramos a nossa escolha na região do Vale do Itajaí por alguns motivos. Primeiro, tínhamos tempo reduzido para apurar, o que inviabilizaria gravações em regiões que tem maior destaque na agropecuária, como Oeste. Somos da região e conhecíamos pessoas que poderiam ser entrevistados para o documentário, além de termos local para se hospedar e possibilidades de carona. Por fim, a região do Baixo e Alto Vale se destacam na produção de leite e fumo.

Estabelecemos três semanas para estudar o máximo possível o assunto antes de começarmos as filmagens. Limitado o local de apuração, passamos a buscar artigos de caso de Santa Catarina sem culturas definidas. Era tentativa de também encontrar uma angulação para o documentário, pois é impossível retratar a agricultura familiar por sua diversidade. Utilizamos como base os trabalhos divulgados nos encontros da Associação de Pesquisadores de Santa Catarina, que inclui a temática “desenvolvimento rural e agricultura familiar”.

Encontramos grande variedade de bibliografia e artigos científicos. Embora muito do que tenhamos lido não tenha sido mencionado neste Trabalho de Conclusão de Curso, ajudou para delimitar o que não queríamos retratar e também aproximarmos de problemáticas da agricultura. Para exemplificar, há novos padrões do fenômeno bem conhecido do êxodo rural que se mantem hoje em dia e geram complicações como falta de sucessor da propriedade, ou quando há sucessor, ele é incapaz de encontrar uma companheira e constituir família. Agricultores com dificuldades de manutenção da propriedade podem contar com a ajuda financeira de outro membro da família que exerça atividades não-rurais, o que os pesquisadores chamam de pluriatividade. E há também casos de trabalhadores rurais que tem facilidade de produção, mas não conseguem vender.

Não lemos só sobre a questão agrária de forma geral, mas buscamos pesquisar culturas específicas e seus modos de plantio. Com isso, queríamos entender como poderia ser a rotina dos nossos entrevistados antes da gravação. Assim, também já nos acostumávamos com os vocábulos próprios das culturas e pensar que imagens poderíamos captar na propriedade em questão.

Após as semanas de pesquisas, marcamos uma entrevista com o coordenador de políticas públicas da Epagri e engenheiro agrônomo Célio Haverroth, para tirar dúvidas e discutir os temas da agricultura familiar com mais profundidade. Originalmente, havíamos entrado em contato com o Professor Lauro Mattei, cujos artigos foram úteis no sentido de que eram da temática pesquisada e local desejado, para entrevistá-lo. Por motivos de viagem, não pode nos auxiliar mas indicou profissionais da Epagri.

Entrevistamos Haverroth por 56 minutos no final de março, em que além de esclarecer alguns pontos estudados, contribuiu com a sua experiência de campo da Epagri para nos dar uma ideia das inúmeras situações que acontecem no Estado. Falou, por exemplo, dos casos de pobreza rural e problemáticas das regiões em que estávamos interessadas: o Alto e Baixo Vale.

Após essa entrevista, encerramos momentaneamente a pesquisa para dar início ao roteiro de perguntas aos entrevistados, ainda sem definição alguma de quem seriam. O roteiro consistia em 38 perguntas divididas em três seções (ver Anexo). Primeiramente sobre a história da pessoa, desde criança à chegada na propriedade atual. Nos interessava saber, principalmente, qual era a profissão dos pais, como foi a infância com a família, se houve oportunidade de estudo e se ser agricultor foi uma opção. Na segunda parte, perguntávamos sobre o trabalho na propriedade. Além de informações básicas, como área do terreno em hectares e culturas que plantava, quisemos saber como era a rotina anual, se gostava do trabalho, quais momentos eram difíceis e bons, se a renda “chegava” para o ano, se participava de algum programa, se havia assistência técnica e acesso à crédito, entre outros. Por fim, indagamos sobre o futuro da

propriedade e expectativas. Pela maioria dos entrevistados serem mães e pais, sempre lhe perguntávamos sobre a relação dos filhos com a propriedade e a cidade.

Fomos na região da Linha São Bernardo que divide as cidades de Pouso Redondo e Rio d'Oeste, sendo delineada por um riacho que passa ao lado da propriedade de Aguinélio do Nascimento, também conhecido como Brás, que mais tarde se tornou um dos retratados no documentário. Produtor de fumo há 15 anos no sistema de integração com grandes empresas exportadoras, Brás conhece bem os entraves que esse método impõe ao seu sustento. Um dos poucos negros na região, divorciado e com dois filhos, um adolescente com problemas psicológicos e outro adulto que não trabalha, ele logo se mostrou alguém particular que contaria a história de tantos. Deu informações de todas as famílias que moravam por ali e, no fim, foi um grande produtor para o documentário. Também nos levou a determinar que tipo de pessoas queríamos entrevistar: deixamos de definir que culturas deveriam aparecer para dar espaço a trabalhadores rurais que tivessem singularidades que às vezes se encaixam em tendências sociais da agricultura familiar e outras que são importantes para a região.

4.2 Produção

Todas as filmagens foram feitas entre 2 de abril e 7 de maio de 2016, sempre aos fins de semana por conta da viagem e a impossibilidade de conciliá-las com as aulas da faculdade. Ao total, foram sete dias de gravação e oito entrevistados.

Viajamos pela primeira vez para Rio do Sul dia 1º de abril, pois no dia seguinte pela manhã tínhamos que nos encontrar com Brás, fumicultor de Pouso Redondo. Com aproximadamente um hectare de terra, essa personagem representa o agricultor com pouco capital, analfabeto e negro. É como se pertencesse à “periferia” da zona rural: sem perspectivas fora do campo, permanece na propriedade, explorando a si mesmo como forma de sobrevivência (HELFAND *et al*, 2014). Permanecemos das 9h às 17h na sua propriedade com um intervalo por volta do meio-dia. Foram mais de duas horas de gravação. A entrevista principal teve Brás sentando no rancho onde separa o fumo, depois mostrou a própria estufa, armazém, o quarto onde dorme para monitorar

a temperatura durante a queima da folha, a casa e nos levou ao terreno “limpo” pelos agrotóxicos onde planta o fumo.

Voltamos a vê-lo no dia seguinte na carreata que acontecia no terreno do vizinho. Lá pudemos registrar o principal divertimento: laçar, montado no cavalo, uma vaca de fibra puxada por uma moto.

Os donos da propriedade, Anildo de Campos e Ivonete Blasius, organizam a carreata em alguns finais de semana do mês, e foram entrevistados no mesmo dia. Eles são um casal de agricultores, criados por família de arrendatários que conseguiram obter a própria terra. Apesar de terem integração com a indústria do fumo, possuem outra atividade que garante a diversificação da renda. Além disso, possuem a vivência da residência na cidade, mas acabaram voltando para a propriedade. Apesar dos motivos da volta para a propriedade não ficarem claros por conta do tempo – tivemos de retirar muito conteúdo do vídeo –, fica claro que a cidade não é uma opção.

Enquanto Ivonete preparava a carne e a salada, contou que trabalha com o fumo desde criança e que depois de alguns anos conseguiu pagar o terreno onde hoje ainda planta a mesma cultura. Gravamos a entrevista com Anildo em frente aos cavalos que adestra.

No dia 10 de abril, fomos à casa de Isac Bracello, também fumicultor. Como havíamos conversado com outros três produtores da mesma cultura, focamos mais na questão da venda para as empresas e o papel do Sindicato Rural local e da Associação de Fumicultores do Brasil (Afubra) no momento de negociação. Ele trouxe uma visão mais crítica sobre o preço do fumo e a atuação do sindicato. Tendo conhecimento que Isac também era pastor na igreja evangélica em Águas Verdes, uma região de Rio d'Oeste, focamos nesse ponto sobre sua vida pessoal. No dia 23, filmamos parte do culto do pastor Isac. Também fizemos uma entrevista com o filho, Cristiano Bracello, que é fumicultor e divide o terreno com o pai. Aqui fica claro que ser agricultor é ainda uma profissão herdada, e o jovem pode continuar por vontade ou por falta de opção. O êxodo rural é tratado aqui: Cristiano se mudou para Blumenau por uma vontade de

morar na cidade, mas sem a educação necessária para arranjar um emprego que lhe pagasse o suficiente para se manter, se viu obrigado a voltar para a propriedade do pai.

Como alguém que representasse um agricultor de maior porte, entrevistamos Nilton Bonatti, que cria suínos e vende para o frigorífico Pamplona no sistema de integração, e possui três lagoas para a piscicultura. Está em uma situação diferente dos até então entrevistados: sua propriedade tem 27 hectares e cinco funcionários. Tem acesso à informação, aos bancos para financiamento de investimento e custeio, além de visão empreendedora. Enfrenta desafios de outro nível por ser um agricultor capitalizado: seja o risco dos altos investimentos, equipamentos modernos, exigências de qualidade e contínua formação. Filmamos dentro da granja, nas lagoas e conversamos em frente a sua casa.

Encerradas as entrevistas na região do Alto Vale, partimos para o final de semana seguinte em Blumenau. Gravamos dia 28 de manhã, na Feira Municipal, a chegada de Gustavo Krummenauer junto da namorada e do irmão para a montagem da exposição dos produtos. Possui propriedade em Dona Emma há três anos, onde cultiva de forma orgânica. Fizemos uma breve entrevista no local, cerca de 15 minutos, pois mais tempo complicaria o atendimento aos clientes. Registramos algumas imagens de outros estandes da feira e clientes. Voltamos a encontrá-lo no período da tarde, quando aplicamos o roteiro que utilizamos com outros entrevistados. A duração do vídeo foi em torno de 45 minutos. Gustavo é o profissional liberal, sem nenhum contato com o campo, onde foi se “aventurar” na profissão de agricultor. Possui o auxílio dos pais, capital, acesso a informação e segue uma filosofia de vida saudável, em consonância com a preocupação ambiental. Parece estar realizando um sonho.

Tânia foi outra moradora de Blumenau que conversamos no mesmo dia. Agricultora, gerencia junto do marido e filho a propriedade onde mantém um rebanho de gado de corte e leite, além de duas lagoas de peixe. Conversamos com ela dentro da cozinha onde prepara, pasteuriza o leite e faz o queijinho branco para comercializar. Ainda andamos pela propriedade enquanto conversávamos com ela. Pouco antes de nos despedirmos, contou-nos que havia sido capa da Globo Rural em 2001. Pedimos para

que nos mostrasse a edição e gravamos. Aparentou muito saudosa do tempo retratado na reportagem, em que participavam de uma cooperativa regional e sua família estava unida.

É durante essa entrevista que é evidenciado mais fortemente a problemática do êxodo rural e envelhecimento do campo. Embora Tânia tenha uma propriedade maior, com maquinário adequado, facilidade de crédito e cursos de especialização, vê sua propriedade se esvaziando: se já tinha a ajuda de três filhos para a manutenção das atividades, hoje teme a saída do único que restou. Embora tenha uma renda regular (por mais que relate ser apertada), não consegue mais lidar com a insegurança financeira e o trabalho desgastante.

Como o leite é a principal atividade exercida pela família, retornamos no final de semana seguinte (7 de maio) para gravar a ordenha feita pelo filho de Tânia. Encerramos neste dia as gravações.

Foram utilizadas as câmeras NHD/SD System Camera HXC-D70 Sony, microfone lapela e tripé do Laboratório de Telejornalismo do Departamento de Jornalismo da UFSC. Também gravamos com duas câmeras DSLR modelo Nikon 5100 e Nikon 3100, que foram completadas com lentes de 18-105 mm emprestadas do Laboratório de Fotojornalismo, assim como cartões de memória de 16 Gb e tripé.

A maior parte das entrevistas principais feitas a partir do roteiro foram com as pessoas sentadas; uma das alunas fazendo as perguntas e cuidando da câmera fixa em tripé, enquanto a outra permanecia fazendo imagens ao redor. A exceção foi Tânia e Ivonete, por estarem realizando tarefas enquanto conversavam conosco. Nesses momentos, utilizamos uma única câmera.

A ideia, antes de ir a campo, era utilizar o tripé ao máximo possível para facilitar a edição e evitar imagens tremidas. No entanto, essa foi uma tarefa difícil visto que conduzíamos as matérias em propriedades rurais, em que a pessoa soltava informações importantes enquanto nos mostrava os arredores em muitos momentos. Não haveria outro jeito de captar essa informação que não com a câmera na mão. O fato

de pedir para repetir um trecho de fala retiraria a espontaneidade, ainda mais com nossos entrevistados que não estão acostumados a presença de câmeras.

4.3 Pós-produção

4.3.1 Transcrição

Enquanto estávamos nos encaminhando para o final das gravações, na última semana de abril, começamos a transcrever todos os áudios dos vídeos em documentos Word. Esse processo durou até a terceira semana de maio e, apesar de trabalhoso, visava facilitar o trabalho de roteirização que viria em seguida. As transcrições somadas resultaram em 76 páginas contendo 194.051 caracteres.

O nome do documento consistia no nome do entrevistado e a fonte em vídeo entre parênteses. As perguntas feitas por nós aos entrevistados estavam em negrito, precedidas da indicação de tempo no formato [XX'XX'']. Como parte das entrevistas foram feitas com duas câmeras, para alterar ângulos dos entrevistados, eram indicados os tempos das duas fontes de vídeo, diferenciadas por cores.

4.3.2 Roteiro

Iniciamos o roteiro no dia 25 de maio e terminamos em 5 de junho. Fizemos com base nas entrevistas: líamos as transcrições completas de todos os entrevistados e sublinhávamos os trechos que pareciam interessantes e revelassem aspectos em comum que os agricultores compartilhavam. Também tínhamos o cuidado de ver a especificidade de cada um: a situação familiar, os hábitos, a cultura da propriedade.

Assim que foi terminado esse processo, começamos a pensar em como enquadrar os blocos de entrevistas. Tentamos encadear os entrevistados de forma que o último tópico mencionado fosse o início ou tivesse relação com o próximo tema. Por exemplo, Brás encerra sua participação falando de como vai passar a aposentadoria: laçando vaca em cima do cavalo. Na próxima sequência, Brás e outros moradores da região cavalgam

atrás da vaca de fibra da propriedade de Ivonete e Anildo, que ocupam os próximos minutos do documentário.

Não foi possível realizar esse encadeamento em todos os momentos (na passagem da entrevista da Tânia e Gustavo, por exemplo). Como pretendemos exibir esse documentário em televisão, como é detalhado no capítulo “Distribuição”, logo a quebra do tema não é prejudicial, ainda mais depois de intervalos comerciais.

O roteiro foi feito no modelo de televisão: duas colunas, sendo que à direita fica a descrição do áudio e à esquerda as imagens. Na parte de imagem, optamos por adicionar não somente a descrição, como também o nome do arquivo e duração do *take* para agilizar o processo de edição. A primeira versão do roteiro totalizou 35 páginas.

Em reunião com o orientador no dia 13 de junho, ficou claro que o roteiro estava longo demais e sobravam duas alternativas: encurtá-lo, ou utilizar outros tipos de linguagem que complementassem a narrativa para torná-la mais dinâmica ao telespectador. Foi proposto utilização de gráficos e dados sobrepostos às imagens gravadas, para dar maior contextualização, e foi sugerido o uso do texto em *off*. Na mesma semana, começamos a revisão do roteiro para deixá-lo mais conciso. Foram removidas em torno de cinco páginas.

4.3.3 Estrutura narrativa

A proposta desse vídeo era retratar a simbiose entre trabalho no campo e vida pessoal, dois fatores que se sobrepõem quando se trata de agricultura familiar. Era também objetivo apontar o fato de que as problemáticas do pequeno agricultor se mantêm, mesmo com a prometida modernização do campo. Escolhemos, então, personagens que não ficassem presos na singularização excessiva, mas que fossem também outros agricultores. *Nanook, O Esquimó* (1920-1922), de Robert Flaherty, é um dos filmes pioneiros no nicho documentário e utiliza personagem exemplar. *Nanook*, um esquimó no norte do Canadá, é os indivíduos dessa região e quase nada ele mesmo. Consuelo Lins (2004), fazendo referência a Jean-Claude Bernadet, afirma que esses personagens contêm generalizações dentro de si para falar além do singular.

Entretanto, Lins relata que Eduardo Coutinho não limitava os entrevistados dentro do perfil sociológico que compartilhavam, ele deixava a singularidade também aparecer.

Essa ideia de personagem exemplar definiu como a narrativa seria construída. Optamos por restringir cada entrevistado a um determinado tempo, sem que ele voltasse para complementar outro personagem, pois assim a singularidade teria seu espaço, e, na totalidade do vídeo, o universal prevaleceria. Para reforçar o geral, utilizamos dados, concepções que traduzissem isso, sendo puxados por uma fala do entrevistado quando contanto sua vida. Aqui ressaltamos que os entrevistados Anildo e Ivonete, Isac e Cristiano constituem duplas que se complementam para contar a história de suas próprias famílias.

No lugar de uma narrativa linear, o vídeo é formado por uma série de depoimentos permeados por imagens de som direto ou música. A sequência foi determinada pela fala dos entrevistados e imagens, sem que uma sucessão linear do tempo interferisse.

4.3.4 Edição

Devido ao roteiro e às transcrições completas e bem detalhadas, a parte de edição, que teve início em 11 de junho, do material bruto foi feita em um final de semana no programa Adobe Premiere CC. Muitas passagens contêm cortes brutos, que foram atenuados em alguns momentos com o efeito do programa chamado *Morth Cut*. Apesar de ter o roteiro completo e bem detalhado, ao inserir os cliques dos vídeos no programa de edição, fica claro as sonoras que funcionam e outras que não, seja pela imagem, pela qualidade do áudio ou entonação do entrevistado. Devido a isso, alguns trechos a mais foram retirados.

No final de semana seguinte, inserimos as imagens de coberturas que incluíam ângulos diferenciados das entrevistas, planos gerais da região, planos médios de animais, plantas, e ambientes onde foram feitas as entrevistas, e planos detalhes de objetos.

Começamos a editar o som, primeiramente nivelando o áudio de todos os entrevistados em -3 decibéis. Inserimos efeitos de transição entre as faixas,

principalmente *Constant Power* nos cortes de faixas do mesmo entrevistado, e *Exponential Fade* para a transição de áudio de entrevistados diferentes.

Foi utilizada somente duas trilhas sonoras em toda a extensão do documentário: *Whiplash*, composição de Hank Levy e interpretação de Don Ellis no álbum *Soaring* (1973) e *Banjo Harpa Mich Garden*, de Cooper-Moore. Só foram utilizados 24 segundos da primeira trilha, o que caracteriza um trecho e não fere os direitos autorais. Já a segunda melodia foi retirada do *Free Music Archive*⁷, que disponibiliza trilhas livres de direitos autorais. *Whiplash* foi escolhida pois dá um tom heroico ao trecho em que foi utilizado – a da laçada da vaca de fibra – e é dinâmica, o que proporcionou vários cortes para aproveitar melhor o material em vídeo.

4.4.5 Finalização

Nos dias 22 e 23 de julho criamos as artes no programa Adobe After Effects CC para inserção de GCs e dados para complementar o documentário. Após criadas, inseríamos a informação necessária e modificamos os atributos tamanho e velocidade conforme o tamanho do texto. Voltaríamos a trabalhar nessas informações após reunião com o orientador, que sugeriu inserção de mais conteúdo sobre as imagens.

Nos dias 25 e 26 de julho foram feitas as correções de imagem no mesmo programa de edição. Utilizamos o efeito *Lumetri*, que dispõe de várias configurações que alteram luminosidade e cor da imagem. Mudamos principalmente: contraste, exposição, saturação, *whites*, *blacks*, *highlights* e *shadow*. Dependendo do ambiente onde foi gravado a entrevista, a imagem ficou com tons mais quentes ou frios. Optamos por nivelá-los, deixando os mais quentes, mas amenizando imagens muito amareladas. Adicionamos o efeito *Vignette* à 90% dos clipes, geralmente nas configurações *Amount* -0,5 até -1, e *Feather* 30 à 50. Esse efeito deixa as bordas das imagens levemente mais escuras, ressaltando o conteúdo.

⁷ Documento eletrônico não-paginado. Disponível em: <<http://freemusicarchive.org/>>

5 DISTRIBUIÇÃO

O documentário será gravado em DVD e as cópias distribuídas para os moradores da região e para as universidades públicas e particulares de Santa Catarina. Através do Guia Kinoforum, serão selecionados os festivais audiovisuais universitários, nacionais e internacionais onde o vídeo poderá ser inscrito. Também enviaremos para o Prêmio Agricultura Familiar de Jornalismo, criado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação. Após a exibição em festivais, canais de televisão pública poderão veicular o material na sua programação. E por fim, o vídeo será disponibilizado gratuitamente na internet e em portais de documentários, como o CurtaDoc.

6 RECURSOS

Como os equipamentos foram pegos emprestados do Laboratório de Telejornalismo e Laboratório de Fotojornalismo do Departamento de Jornalismo da UFSC e também de colegas, os gastos se restringiram a passagens para as cidades, programa de edição em vídeo e um HD externo.

Qtdd	Item	Valor
2	Passagem ida e volta Rio do Sul (01/04 - 04/04)	R\$237,00
2	Passagem ida e volta Rio do Sul (16/04 - 18/04)	R\$246,78
1	Assinatura mensal Adobe Premiere Pro CC	R\$125,00
1	HD externo 1 Tb	R\$400,00
Total:		R\$1.008,78

7 DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi nossa primeira experiência com um roteiro de mais de quinze minutos. A estrutura narrativa precisa ser mais sólida para manter a audiência informada e entretida. Sem dúvida, se tivéssemos a oportunidade de retornar no tempo, haveria mais pesquisa sobre o tema e uma maior preocupação com a estrutura que amarraria o documentário. Neste quesito, a disciplina Análise de Documentário foi proveitosa, e teria sido mais ainda se feita no semestre anterior à execução do trabalho.

Percebemos que para se produzir esse tipo de documentário, que se baseia em personagens exemplos, precisaríamos de mais tempo de produção. Assim, seria possível acompanhar os entrevistados em outros momentos, contribuindo para variação das imagens e qualidade de falas. Nosso produto final se mostra como experiência pessoal, uma tentativa desse tipo de documentário consagrado por Eduardo Coutinho.

Conhecemos agricultores catarinenses, que mexem com a terra e gado desde que se conhecem por gente ou tentaram se aventurar nessa profissão vital, mas desvalorizada. Estamos menos alienadas quanto à produção de gêneros alimentícios e outros produtos agrícolas, conscientes do suor gasto e da insegurança que ronda o orçamento familiar.

No mais, após cinco anos de graduação, somos gratas à esta Universidade, pública, gratuita e de qualidade, às pessoas que fizeram parte deste período e contribuíram para o nosso aprendizado.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo *et al.* **Juventude e agricultura familiar**: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília: Unesco, 1998.

AGRICULTURA familiar produz 70% dos alimentos consumidos por brasileiros. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/07/agricultura-familiar-produz-70-dos-alimentos-consumidos-por-brasileiro>>. Acesso em 12 mar. 2016

ALVES, A. F.; et.al. **Espaço e território: Interpretações e Perspectivas do desenvolvimento**. Francisco Beltrão; Unioeste, 2005.

BARTOLOMEU, Anna Karina. O documentário: um percurso conceitual. **Revista Devir**. Belo Horizonte, nº 0 de 1999.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>.

BRASIL. **Decreto Nº 6.323, de 27 de dezembro de 2007. Dispõe sobre a agricultura orgânicas e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 28 dez.2007. Seção 1.p.2.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111326.htm>

BRUM, Andreia B. do Nascimento; HAVERROTH, Célio; VIRGOLIN, Isadora W. C. Políticas sociais: um estudo sobre o enfrentamento da pobreza rural no Brasil. **Sociedade e desenvolvimento rural**. V. 7, n. 1. Instituto de Estudos Agrários e Combate à Pobreza, Brasília, 2013.

BUAINAIN, Antônio M.; ROMEIRO, Ademar R.; GUANZIROLI, Carlos. Agricultura familiar e o novo mundo rural. **Sociologias**. Ano 5, n. 10. Porto Alegre, UFRGS, 2003.

CAMPANHOLA, Clayton; VALARINI, Pedro José. A Agricultura orgânica e o seu potencial para o pequeno agricultor. **Cadernos de Ciência e Tecnologia**. Vol. 18, n.3. Brasília: 2001.

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J.A. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios. 2.ed. Brasília, DF: MADA: SAF: DATER-IICA, 2007. 24p.

CASACA, Jorge de M.; SILVA, Fabiano M.; SILVEIRA, Fernando S. Desempenho catarinense na piscicultura de água doce. Epagri, 2014.

COLETTI, Tomé; LINS, Hoyêdo N. Transformações na suinocultura do oeste catarinense e a busca de alternativas na agricultura familiar: um redesenho das estruturas rurais da região? **Anais do IV Encontro de Economia Catarinense - Apec**. Criciúma, 2010.

CORTE no orçamento inviabiliza realização do Censo Agropecuário em 2017. IBGE. Abril de 2016. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/disseminacao/destaques/2016_04_18_comunicado_censo_agropecuário.shtm>. Acesso em: 24 jun. 2016

DUTRA, Jéder J.; HILSINGER, Roni. A cadeia produtiva do tabaco na região Sul do Brasil: aspectos quantitativos e qualitativos. **Geografia Ensino & Pesquisa**, V. 17, n. 3. UFSM, 2013.

HELFAND, Stevem M.; PEREIRA, Vanessa da F.; SOARES, Wagner Lopes. Pequenos e médios produtores na agricultura brasileira: situação atual e perspectivas. IN: BUAINAIN, Antônio M.; ALVES, Eliseo; DA SILVEIRA, José Maria; *et al.* **O mundo rural no Brasil do século XXI: A formação de um novo padrão Agrário e Agrícola**. Brasília: Embrapa, 2014. Disponível em: https://www3.eco.unicamp.br/nea/images/arquivos/O_MUNDO_RURAL_2014.pdf>

COOPER-MOORE. *Banjo Arba Minch Garden*. Mar 2010. Disponível em: http://freemusicarchive.org/music/Cooper-Moore/A_Retrospective_1990-2010/h_Banjo_Arba_Minch_Garden#>

COSTA, Cassiane da. Contornos do celibato no espaço rural: solteirões no sul do Brasil. **Revista Extensão Rural**. Vol. 21, n. 3. Santa Maria, UFSM, 2013.

FAO anuncia que 2014 será o ano Internacional da Agricultura Familiar. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/fao-anuncia-que-2014-sera-o-ano-internacional-da-agricultura-familiar/>>. Acesso em: mar. 2016

FAO. O Estado da segurança alimentar no Brasil: um retrato multidimensional. Brasília: 2014. Disponível em:

http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/seguranca_alimentar/SANnoBRasil.pdf>

HARTWIG, Marisa. Trajetórias de trabalho de famílias integradas à agroindústria na produção do fumo. **Revista da RET (Rede de Estudos do Trabalho)**. Ano III, n.4, 2009.

IBGE. **Censo Agropecuário 2006**. Agricultura Familiar, primeiros resultados. Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. Brasília: MPOG, 2009

IBGE. **Estatística da Produção Pecuária:** setembro 2015. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/producaoagropecuaria/abate-leite-couro-ovos_201502_publicacao_completa.pdf> Acesso em: 10 mar. 2016

IBGE. **Sinopse do Censo Demográfico 2010.** Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=8>>. Acesso em: 23 mai. 2016.

INCRA/FAO. **Novo retrato da agricultura familiar:** O Brasil redescoberto. Disponível em: <<https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/novoretratoID-3iTs4E7R59.pdf>>

JESPER, Jean-Jacques. **Jornalismo televisivo.** Coimbra: Minerva, 1998.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho:** televisão, cinema e vídeo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MACEDO, Anelise. A agricultura familiar e a difusa conceituação do termo. **Hortaliças em Revista.** Ano III, n. 14. Embrapa: Brasília, 2014.

MAPA. MINISTÉRIO DE AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. MAPA. Produção e comércio de orgânicos têm novas regras. 2008. Disponível em <<http://www.agricultura.gov.br>> Acesso em: 11 jun. 2016.

MATTEI, Lauro. Novo retrato da agricultura familiar em Santa Catarina. **Anais do IV Encontro de Economia Catarinense - Apec.** Criciúma, 2010.

MATTEI, Lauro. O papel e a importância da agricultura familiar no desenvolvimento rural brasileiro contemporâneo. **Revista Econômica do Nordeste.** V. 45, n. 5. Banco do Nordeste: Fortaleza, 2014.

MATTOS, Rafael Arosa de. População neo-rural e agricultura orgânica: mudanças no meio rural da região metropolitana do Rio de Janeiro. **Anais XVI Encontro Nacional de Geógrafos.** Porto Alegre, 2010. Disponível em: <www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=1124>

MENDES, Leticia *et al.* Anuário brasileiro do tabaco 2015. Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2015. Disponível em: <http://www.grupogaz.com.br/tratadas/edicao/25/2015/12/20151204_575124684/pdf/4996_2015tabaco_valendo.pdf>.

NICHOLS, Bill. **Introdution to Documentary**. Bloomington: Indiana University Press, 2001.

NICHOLS, Bill. **Representing Reality: Issues and Concepts in Documentary**. Bloomington: Indiana University Press, 1991.

OLALDE, A. R.; PORTUGAL, C. A. Agricultura Familiar, Reforma Agrária e sua inserção no enfoque territorial no Brasil. **Anais do XLII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural**. Cuiabá, 2004

PELLIN, Valdinho; ALCÂNTARA, Liliane C. S.; FEUSER, Shimene; KOHLS, Vanessa. Agricultura Familiar e desenvolvimento territorial: A experiência do projeto Cemar no Vale do Itajaí. **Anais do VIII Encontro de Economia Catarinense - Apec**. Rio do Sul, 2014.

SCHNEIDER, Sérgio; CASSOL, Abel. **A agricultura familiar no Brasil**. Serie Documentos de Trabajo N° 145. Grupo de Trabajo: Desarrollo con Cohesión Territorial. Programa Cohesión Territorial para el Desarrollo. Rimisp: Santiago, 2013.

SILVA, Felipe G. da; SHUTZ, Guilherme A.; SOUZA, Daniel A. de. Anais do VI Encontro de Economia **cadeia de fumo em Santa Catarina. a Catarinense - Apec**. Joinville, 2012.

LEVY'S, Hank. Whiplash. IN: **SOARING**. Interpretação: Don Ellis. Villingen: MPS, 1973. 1 CD. Faixa 1.

UFSC Entrevista – José Hamilton Ribeiro (1 de 4). TV UFSC. 8'29". Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=nbp7Y89E-8U>>. Acesso em 28 mai. 2016.

ZANDER, Navarro. A agricultura familiar no Brasil: Entre a política e as transformações da vida econômica. IN: GASQUES, José Garcia *et al* (org.). **A agricultura brasileira: desempenho, desafios e perspectivas**. Ipea: Brasília, 2010.

9 FILMOGRAFIA

AGRICULTURA TAMANHO FAMÍLIA. Direção: Silvio Tendler. Produção: Ana Rosa Tendler. Brasil, 2014, 55 min.

BABILÔNIA 2000. Direção: Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro, 1999, 80 min.

BOCA DE LIXO. Direção: Eduardo Coutinho. São Gonçalo, 1993, 50 min.

BRASIL ORGÂNICO. Direção: Kátia Klock e Lícia Brancher. Produção: Contraponto. São Paulo, 2013, 58 min.

CAMINHOS DA REPORTAGEM - AGRICULTORES FAMILIARES. Reportagem: Carina Dourado. Produção: Patrícia Almeida. Brasil, 2013, 52 min.

CELIBATO NO CAMPO. Direção: Cassemiro Vitorino e Ilka Goldschmidt. Produção: Margot Produções. Santa Catarina, 2010, 52 min.

EDIFÍCIO MASTER. Direção: Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro, 2002, 150 min.

MULHERES DA TERRA. Direção: Allan David, Blenyo Santos, Renata Peres de Lannes, Rubson A. Emidio. Produção: Ana Carolina C. Teles, Lorrana Christine, Raphaelly S. Silva, Tais Silva. Santa Catarina, 2013, 13min.

PATI. O QUE VALE ESSE POVO? Direção: Denise Santos e Sophia Midian. Produção: Denise Santos e Sophia Midian. Brasil, 2005, 13 min.

THE GARDEN. Direção: Scott Halminton Kennedy. Produção: Scott Halminton Kennedy, Julie Bergman Sender, Stuart Sender, Vivianne Nacif, Dominique Derrenger. Estados Unidos, 2008, 80 min.

VAMOS CONTINUAR E PERMANECER AQUI. Direção: Tiago Vieira. Produção: Eliana Mendas, Mateus Damasceno, Patrícia Morena e Tiago Vieira. Brasil, 2010, 26 min.

ANEXO A

Entrevista – Célio Haverroth

Existe algum perfil de agricultor familiar?

Nós temos alguma novidade em relação a isso. Normalmente, historicamente, a gestão da propriedade é uma atribuição do homem, e a mulher fica em segundo plano. Normalmente, se diz que ela ajuda o homem. Temos percebido em algumas pesquisas, alguns trabalhos que foram feitos, que tá começando a modificar um pouco. Já existem mulheres que fazem a gestão, e isso é uma novidade na agricultura familiar. Num levantamento que nós fizemos, até um trabalho interno para a avaliação do trabalho da Epagri, a gente identificou no público da Epagri – que é a agricultura familiar basicamente – 25% das propriedades onde o chefe da família é a mulher. Em relação à gênero, tem essa novidade hoje que é uma conquista de vários anos, por causa do movimento das mulheres e tudo mais. Hoje tem se trabalhado muito, tem bastante

pesquisa e documentação da mulher, o bloco do produtor que é onde ele emite, quando vende o produto, é em nome do casal geralmente. Então, buscando essa igualdade de gênero né?

Em relação à renda, existe... porque a agricultura familiar é um conceito na realidade, onde a mão de obra e a gestão da propriedade são diretamente ligados com a família. Para fins de políticas públicas, existem alguns limites que foi estabelecida através de lei que é a lei da agricultura familiar. Então, hoje por exemplo, a renda do agricultor familiar para ter acesso às políticas públicas, além de outros fatores, é uma renda de até 360 mil reais anuais. Se passar de 360 mil, deixa de ser agricultura familiar para fins legais. Além de renda, a área da propriedade pode ser no máximo de 4 módulos fiscais – que é em média de 16 a 20 hectares aqui em SC, em estados como MT é bem mais, por exemplo. Quatro vezes esse valor é o limite de área do agricultor familiar no âmbito legal. Então, a renda, área, a questão da mão de obra tem que ser preponderantemente familiar. Pode até contratar, mas se são dois membros, só o casal, pode contratar até duas. Se contratar três perde os benefícios de políticas públicas. Então, o perfil assim enquadra nisso aí. Limite de renda, área e mão de obra.

Aí bom, há várias questões para discutir. O perfil dentro do estado varia muito dentro dessa amplitude de 0 a 4 módulos, de 0 a 360 mil reais anos.

Que famílias são essas que tem renda de 360 mil?

Tem, tu pega por exemplo a.. não é o normal, é um percentual pequeno. Como eu falei, de 0 a 360 mil tem uma amplitude muito grande e a concentração maior é na faixa dos 50, 100 mil no máximo. Mas existe os de 360, que são aqueles que trabalham principalmente com a avicultura de corte. Se bem que... a gente considera só o que o agricultor recebe, que não é muito. Tem algo na olericultura, que não é muito não, hortaliças, frutas.

Esses 360 mil parecem muito, mas é a renda bruta. Se tu tiras as despesas, acaba que uma família que tem 360 mil reais de renda bruta não tem 360 mil de renda. A margem bruta é como eles chamam a diferença do que ele gasta e o que sobra. Isso varia, mas vai dar 10, 30, 40% disso. O que sobra é bem menos.

Você mencionou que o perfil é bem diferente de região para região. Tem alguma média no estado?

Nós temos trabalhado com um programa que é específico para famílias que estão abaixo da linha da extrema pobreza, ou seja, que tem renda per capita de até US\$1,00. Para o fim do programa, na época que foi feita essa conta, isso equivalia à R\$77,00 per capita mês. Então, nós estamos trabalhando com um grupo de famílias que tem renda per capita R\$77,00 mês. Para esse público, nós identificamos no estado em torno de 3 mil famílias que tem essa renda. Nós estamos trabalhando com 950 atualmente, então existe esse público. Esse público de extrema pobreza, ou o de pobreza, que é o dobro disso, o público de menor renda está mais concentrado no Planalto Serrano e no Vale do Rio do Peixe. Tem outro grupo importante também que é os indígenas. Eles se enquadram no perfil da agricultura familiar, embora que hoje tem muitas famílias indígenas que trabalham em outras atividades. Eles trabalham, por exemplo, na agroindústria, mas eles também moram no meio rural e trabalham com agricultura de alguma forma. O público das terras indígenas também está dentro desse grupo mais empobrecido que nós trabalhamos. Tem alguma coisa de quilombola, o número é menor, mas tem também em algumas regiões. Então, esses públicos de forma geral e esse que eu falei do Brasil sem Miséria tem também – mas é mais concentrado, esse grupo tá mais relacionado com a imigração. Então são as etnias mais... o pessoal dos caboclos. Tu consegue perceber onde tão esses bolsões, embora o estado todo tenha.

Tem alguma documentação falando desse tema específico?

Tem um documento da pobreza rural em Santa Catarina. Tem um artigo que escrevi que é sobre pobreza também, mas não em SC. Temos esse trabalho por causa do programa do Ministério do Desenvolvimento Social. Somos parceiros e tocamos esse programa aqui no estado. Na verdade, isso não tá escrito em lugar nenhum, nós estamos indo atrás das famílias. Através dos escritórios municipais vamos buscar. A gente pretende publicar, mas estamos mais preocupados em desenvolver o trabalho agora.

O censo de 2006 até agora mudou muita coisa. Eles conseguem buscar alguma coisa do censo do IBGE, mas pelas dinâmicas que tem hoje – a economia mudou. Mas dá para ter uma ideia de como que tá. Nesse trabalho que escrevi, tem bastante informações do IBGE.

Vocês percebem a presença de homens solteiros nesse grupo?

Tem. Tem até complicações já. Anotem Milton Silvestre. Esse é o principal autor, ele tem algumas publicações. É significativo hoje já, chamam de “celibato”. Porque, o que tá nítido do hoje, é que a migração rural é principalmente juvenil e feminina. As meninas saem do meio rural mais cedo e em maior quantidade que os homens. E aí, nós temos essa questão que o homem não tem mais como formar famílias.

A agricultura familiar é um conceito, mas muitos artigos falam que não fazia parte da economia. Quando que ela começou a ganhar importância?

Isso, vem lá dos anos 60,80. Na agricultura família tinha nos anos 90, mas ninguém chamava assim. O principal fator que eu atribuí para essa conquista é o próprio movimento dos agricultores, principalmente através dos sindicatos. Lá nos anos 80, o sindicato dos trabalhadores rurais era muito vinculado ao setor público desde a época do regime militar. E aí, nos anos 80 houve um processo de desemparelhamento onde os sindicatos buscaram ter autonomia e sair da tutela do Estado e buscar direitos. Esse movimento foi muito forte desde os anos 80, e Santa Catarina foi muito importante para isso. Aí nos anos 80, 90, no início, esses movimentos foram aglutinados e representados no grito da terra. Não lembro da data, hoje nem mais existe. Com isso começou a surgir a necessidade, o governo teve que abrir a possibilidade de criar políticas apropriadas para esse perfil que passou a ser chamada de AF. Até então, era chamado de pequeno agricultor, que não é pequeno porque produz alimentos em maior quantidade que os agroindustriais. Não é pequeno, o termo pequeno não representava esse agricultor. Então se chegou ao termo “agricultor familiar”. Há quem discute que o correto seria agricultura camponesa, que era utilizado antes do regime militar, mas hoje todos

utilizam a agricultura familiar. Isso de 90 para cá. E em 95 surgiu o programa nacional de fortalecimento da agricultura familiar, que é o principal programa voltado para esse público.

Acha que hoje ainda tem um certo preconceito com agricultura familiar?

É, ainda tem. Mas já mudou muito. Temos um trabalho com juventude rural. Fazemos capacitações com jovens de 18 aos 29 anos, temos centro de treinamento espalhados pelo estado. Ano passado tínhamos uma turma de mil jovens. Esse ano tem mais uma turma que deve dar uns 300. A gente tem percebido que até o jeito de ser do jovem rural, ele não é mais aquele jovem tímido que se vestia diferente. Se tu coloca o jovem rural do lado do jovem urbano, não tem mais uma distinção assim, do visual. Então, ele tá muito mais – o jovem, principalmente – vamos dizer assim, ligado ao meio urbano, que culturalmente é muito parecido. O acesso à internet no meio rural já é grande. Não é que tá bom, mas muita gente já tem acesso. Se não tem na propriedade, tem acesso indo na cidade. E o pessoal utiliza a internet bastante, e isso é coisa dos últimos dois, três, quatro anos – cinco no máximo. E isso vem modificando muito rapidamente o perfil do jovem. Então, por isso que esse preconceito em relação ao homem do campo tem modificado bastante. Se tu pega a renda – R\$360 mil! – a renda desse agricultor familiar que tem uma propriedade estruturada, atividades bem consolidadas, a renda no meio rural é maior que no meio urbano. Se um jovem sai do meio rural e vai para o meio urbano, consegue uma renda de mil reais, dois mil reais – dificilmente ele consegue mais que isso. Depois de uma formação, o recém-formado é difícil de ter uma renda muito maior que isso. No meio rural ele tem a possibilidade bem maior que isso. No meio rural, a renda – desde que a propriedade esteja estruturada – não é um limitador para ele permanecer. É lógico que é importante essa renda, e durante parte da vida eles não tem essa estrutura ainda, mas tem outros fatores. O próprio lazer, o acesso à comunicação, às estradas: ela é diferente do urbano, e o urbano atrai. Mas, isso tem modificado muito rapidamente pelo acesso aos meios de

comunicação e a renda. Não é que isso seja a realidade da grande maioria, mas já tem um bom número de famílias.

Mas, e a crise sucessória?

Ela acontece. Estava em um grupo de pesquisa em Chapecó, onde fizemos um trabalho, e lá nós fizemos uma pesquisa junto com alguns municípios. Nós não publicamos ainda, talvez saia em maio e junho. O que nós percebemos é que: primeiro, há muitos pais que não incentivam o jovem a ficar, incentivam a sair. Não lembro do percentual, mas é bem grande. Dos jovens meninos da amostra, em torno de 50% tem interesse em permanecer no meio rural – não lembro se é esse número mesmo, mas é um número alto. Das meninas, é um percentual bem menor: talvez metade disso. O que acontece é que a discussão do processo de sucessão é muito lenta, demora muito a acontecer. Antigamente existia um padrão bem definido: a família era bem numerosa, tinha seus cinco, dez filhos – aí a propriedade não comportava todos esses filhos, e naturalmente era o filho mais novo que permaneceria na propriedade e cuidaria dos pais. Isso é uma coisa muito natural que acontecia. Ou o filho mais velho, ou aquele que não queria estudar. As coisas eram logo decididas. Hoje, está se postergando muito a decisão de quando vai ser definido quem vai permanecer. Porque os filhos têm a possibilidade de estudar e não definem a profissão – se vão ser agricultores ou outra coisa. Eles custam a fazer essa decisão. Os pais, muitos dos pais estimulam que eles saiam, mesmo que eles gostem de permanecer aí, e a decisão não acontece. Não se conversa na família sobre isso. Então, esse seja talvez um dos principais fatores que levam ao fato de ter esse problema sucessório: a não discussão da família. Porque se fosse: “não, vamos discutir logo a sucessão dessa família. Então fulano vai ser o filho que vai permanecer, porque ele gosta de ser agricultor, gosta do meio rural e tudo mais...” então vão se criar as condições para que ele permaneça. Então, ela vai buscar a formação de agricultor, cursos, ou mesmo colégio agrícola, que ele vai se preparar para ser agricultor. Como o processo não se define na propriedade, então isso vai se postergando. Quando morre o pai, ou dá um problema de saúde, agora como vamos fazer? Não tem a coisa decidida.

E aquele que acaba ficando não se preparou para isso. Então essa é a grande problemática da sucessão.

E que outras problemáticas existem nessa agricultura familiar?

É, assim, hoje o acesso ao crédito não tem dificuldade. Tem recurso sobrando. O que tem é endividamento. O financiamento acaba sendo fácil, então acabando financiando mais do que deviam. Financiamentos mal acompanhados, que não tem assistência técnica próxima. Deveria ter um acompanhamento técnico e muitas vezes não tem. O financiamento é feito direto no banco, sem assistência técnica de extensão rural. Isso tem levado ao endividamento.

Outra questão está relacionada ao clima. O estado é campeão em questões de granizo, enxurradas, estiagens. Todo ano tem problemas climáticos. Também é um fator importante.

Alternativas de renda também. Pode se dizer que precisa trabalhar mais alternativas de renda. Hoje as integrações de aves e suínos são importantes, mas é muito pequeno o número de famílias. Leite, a atividade leiteira é a que abrange um número maior de famílias – não é a maior renda, mas é que abrange mais famílias. São em torno de 60 mil famílias no estado que tem no leite uma atividade principal ou importante na propriedade. Também tem o fumo, que é bastante importante. Não sei dizer o número de pessoas envolvidas no cultivo do fumo. Suínos e aves, para a agricultura familiar, tu quase... Daí tem a olericultura, que é mais do litoral, a criação de hortaliças. A horticultura, que tem mais na região serrana, São Joaquim, que tem maçã, e o Vale do Rio do Peixe. Tu, saindo disso aí, tem poucas alternativas para a agricultura familiar. Grãos, tu pega soja, milho, é necessária uma área grande para ter uma renda suficiente para uma família. E na agricultura familiar, onde tem um número de famílias com propriedades pequenas, aí tu não viabilizas a propriedade com o plantio de grãos. Pode ser uma das atividades, mas como atividade única não sustenta a família. Então, há poucas alternativas é outro problema. Deve se incentivar a busca de mais alternativas.

Mas os grãos são mais para exportação, não?

É, no estado, o Estado é exportador. A soja é um grande *commodity* de exportação do país, só que o estado tem um consumo muito grande por causa de suínos, aves e leite. Então, o que é produzido no estado – até soja pode sobrar para exportar, não lembro agora -, mas o milho com certeza o estado não produz suficiente. Precisa de bem mais milho para atender a demanda que tem no estado. Mas só que daí para isso precisa ter áreas suficientemente grandes e mecanizado para ter uma renda suficiente.

Grande seria quanto?

Depende de quanto a família precisa de renda. Mas se tu pega assim, a maioria das famílias que plantam milho, elas plantam três, quatro hectares de milho. Isso não é suficiente.

Também tem a questão de arrendar a terra.

É, tem muita gente que faz isso. Como tá saindo gente, então tá sobrando áreas sem famílias vivendo na propriedade. Ou que se dedicam à outras atividades que não a agricultura. Daí, essas que tem estrutura com maquinário para produzir grãos, eles produzem na suas terras e às vezes nas dos vizinhos né. Isso tem bastante, tem regiões onde isso é bem significativo.

Então 20 hectares é o suficiente? É, dá uma renda razoável. Mas se dá uma estiagem, não tem renda. Então para dizer qual é a área necessária, depende muito da família, da necessidade, da estrutura que eles têm né.

Existe a dificuldade de comercializar?

Hoje, com esses programas – o PAA, o Programa Nacional de Alimentação Escolar, que exige que pelo menos 30% seja adquirido da agricultura familiar – são chamadas as compras públicas. Todos os organismos federais que compram alimentos (hospitais, exércitos) tem que ser 30% da agricultura familiar.

Então, o que tá acontecendo: o que tu precisa para a alimentação escolar? Precisa frutas, hortaliças, carnes... uma diversidade de coisas. Aí que a agricultura familiar tá correndo atrás e não tá conseguindo atender a demanda. O próprio comércio tá modificando as suas demandas. Então, a procura por produtos regionais, produtos frescos, o mercado tem proporcionado essa possibilidade de produtos da agricultura familiar produzidos na região – tanto em compras públicas quanto em mercados locais e feiras livres. Com essa diversificação hoje, a verdade é que tem muito produto faltando, que a agricultura familiar não tá conseguindo produzir o que tem de demanda para comprar.

Além disso, tem outra questão importante. Produzir é fácil, tu tens área para plantar, o agricultor consegue produzir. Mas a logística de comercializar. Tu vais entregar esses alimentos na escola, vamos dizer que em Florianópolis tem cem escolas (eu não sei). Chapecó sei que tinha 105 escolas. Daí a agricultura familiar vai fornecer alimentos para a merenda escolar. Como que ela vai entregar o alimento? Não é uma vez por semana que vai entregar porque o produto tem que ser fresco. Vai entregar em 105 lugares diferentes, em lugares que são muitas vezes escolas pequenas, logo quantidades pequenas. Tem que ter uma logística para fazer essa distribuição. E a agricultura familiar não tá preparada ainda. Ela está buscando isso, mas falta ainda muita coisa para se organizar para ter essa estruturação. O caminho é atrás de cooperativas. O agricultor individualmente não consegue, tem que ser organizado. Já tem um grande número de cooperativas no estado que está fazendo isso, mas de forma muito incipiente. Precisa melhorar muito, e também a própria gestão dessas cooperativas. São cooperativas pequenas, 80, 100, 300 associados. E aí, esses agricultores não eram gestores, não estavam preparados para isso. E agora tem essa demanda, eles têm que produzir, gerir, fazer a entrega, comercialização. Então é um trabalho bem intenso.

Então o problema é a logística, não é o mercado.

É, o mercado existe. Agora não é produzir, ter um caminhão e entregar. O mercado tem que ser conquistado. Pega um mercadinho de esquina: tem um cara do Ceasa que fornece para ele. A vida inteira o cara entregou para ele. Esse produto não é da agricultura familiar, esse produto veio lá da Bahia, sei lá de onde. Agora, para ele dispensar esse fornecedor e pegar um agricultor familiar para fornecer para ele não é um processo tão simples. Ele tem que ter a segurança que o produto vai estar sempre lá. E o agricultor tem que garantir isso. E a maioria dos produtos não são produzidos o ano inteiro, então como vai fazer? É um processo lento.

Hoje, qual o papel do sindicato? É tão ativo quanto em 90?

Hoje, como há várias políticas públicas, sempre há a luta para que melhore, se tenha mais políticas e mais benefícios para os agricultores. Mas o foco hoje está muito mais em garantir que essas políticas sejam efetivadas. Tem política de crédito fundiário, para que o agricultor que não tenha terra possa adquiri-las. É uma política. A política existe, o recurso existe, embora haja limites. Mas para fazer que esse agricultor que é contemplado tenha vocação, vá produzir, vá pagar as parcelas, e desenvolva sua vida... O sindicato está muito mais envolvido na efetivação dessas políticas do que na procura de novas, embora a busca de novas seja um eixo principal também.

Os agricultores têm conhecimento dessas políticas públicas ou ainda é necessária a divulgação?

É, de forma geral, o agricultor sabe que existe. Os próprios escritórios da Epagri junto com os sindicatos têm levado essa mensagem, então no geral eles acabam sabendo que existe. Muitas vezes de forma incipiente, ou seja, sabe que existe, mas não imagina que pode se enquadrar. Então é um processo lento. Já evoluiu bastante, o PNAE tem mais de 10 anos. De forma geral sabe que existe, mas o programa de aquisição de alimentos precisa de mais informação de como fazer o processo, e principalmente eu diria assim que as organizações de agricultura familiar – as cooperativas – precisam se organizar melhor. Até hoje, não tem uma estrutura adequada para atender a demanda.

Qual seria uma dessas maneiras de melhorar as cooperativas?

Principalmente a parte de gestão, então capacitação dos gestores – diretores, funcionários, a maioria nem tem funcionários. A capacitação é fundamental, desenvolvimento de sistemas e questões de legislação. A legislação é muito complicada para a agricultura: a questão dos impostos. O Estado tem trabalhado na questão de legislações mais simplificadas, que diminuam a questão do imposto sobre os produtos. Isso está tudo em construção, é tudo muito lento.

Tem a questão sanitária dos produtos. Tu não podes só pegar e plantar, é preciso ter cuidados necessários para garantir a qualidade do produto, que não tenha contaminação que possa causar problema de saúde. Isso implica em estrutura, principalmente com produtos de origem animal. Então, frango caipira, ovos, sei lá. Os cuidados sanitários são muito maiores que os dos vegetais, embora os vegetais também precisam. Então, para tu abater um frango com qualidade, as grandes indústrias têm essa estrutura toda, só que é um outro nicho – a exportação. Se tu pega produtos para a merenda escolar, esse frango caipira tem que ser abatido, cortado em pedaços, embalado, com cuidados sanitários. Tem que ter instalação adequada, cuidados de higiene, boa prática de fabricação né. Isso implica em investimento, e tem que ter recurso para isso. Os financiamentos existem, mas não é um agricultor sozinho que vai fazer esse investimento. Como é um investimento alto, precisa estar agrupado. E isso implica organização. Então é uma coisa bem ampla.

Qual é o acesso dos agricultores familiares à assistência técnica?

Hoje existe uma rede de ATER – assistência técnica. Existe a entidade pública de ATER, que é a Epagri no estado. A Epagri está presente em todos os municípios, pelo menos um funcionário. A grande maioria é um profissional. Agora, tu tens 500 famílias, 1000 famílias – um profissional não consegue atender individualmente todas essas famílias, ele tem que priorizar. E tem hoje a demanda de serviços de ATER é muito grande. Qualquer política pública precisa de documentos, então tem muito

trabalho burocrático que o extensionista que poderia estar fazendo a assistência técnica e de extensão rural, acaba perdendo muito tempo em atividades burocráticas para atender demandas justamente das políticas públicas. Por isso a Epagri não consegue atender com qualidade tudo que deveria atender.

Além da Epagri, existem outras organizações de Ater, que são principalmente as ONGs e sindicatos mesmo. Tem as próprias cooperativas, as maiores têm técnicos no seu quadro. Cada um tem um público específico que eles atendem. Essas ONGs que atuam precisam de recurso, e não é tão fácil de conseguir esse recurso. Falta uma quantidade de técnicos adequada para atender todos os agricultores, há muito trabalho burocrático para os técnicos que estão na extensão rural, falta recurso para atender também. Hoje, a Epagri tem o custeio garantido porque tem o programa estadual. Mas esse programa vai terminar, e a gente não tem garantia de custeio para a nossa atividade nos próximos anos. Então... para ver a problemática que é. Nesse contexto de Ater, o agricultor não tem o atendimento que precisaria ter. Utilizamos metodologias grupais, formas de priorizar o que que é mais importante em casa lugar, cada município, mas não conseguimos fazer tudo.

ANEXO B

Roteiro de perguntas para entrevistados

Eixo A – História de vida

1. Está aqui faz quanto tempo?
2. Nasceu onde?
3. Seus pais eram agricultores?
4. Trabalhou quando criança? Como era?
5. Ia para a escola? Até quando estudou? Como era estudar?
6. Como veio parar aqui?
7. Como comprou a terra? É sua? Herdou?
8. Quantos hectares tem?
9. Ser agricultor foi uma escolha?
10. Hoje, trabalha com qual cultura?
11. Plantava outras coisas?
12. Por que mudou?
13. Já trabalhou em outras áreas que não com agricultura?

Eixo B – Profissão

1. É uma cultura que depende de sua atenção constante?
2. Como é dividido seu ano em relação à plantação?
3. E sua rotina no dia a dia? Tem folga alguma vez?
4. Quais dificuldades encontra?
5. Para onde vende a produção? Acredita que pagam bem?
6. Recebe assistência técnica?
7. Gostaria de implantar melhorias na propriedade? Quais?
8. Qual foi o último investimento? Como foi financiado?
9. Os incentivos do governo chegam até você?
10. Participa do sindicato? O sindicato é ativo?
11. Consegue seguir as recomendações para segurança no trabalho?
12. Dá para sustentar a plantação e a família ao mesmo tempo?
13. Qual é sua renda com seu principal sustento?

14. Sente que a sua profissão é valorizada/é motivo de orgulho?

Eixo C – Família e futuro

1. Quem é a sua família?
2. Todos trabalham na agricultura?
3. Alguém pensou em largar tudo e ir para a cidade?
4. Se pretende manter a atividade, gostaria de que alguém o sucedesse e mantivesse a propriedade?
5. Não morar na cidade atrapalha em algum ponto sua vida?
6. Qual é a sua diversão? Há algum lazer em comum com quem mora na região?
7. Você se sente sozinho?
8. Como sente seu corpo? Cansado? Já teve doenças?
9. A roça é boa?

ANEXO C

EU NÃO TE DEIXARIA POR NADA, SE POSSÍVEL: HISTÓRIAS DE
COLONOS DO VALE DO ITAJAÍ
Ayla Nardelli Passadori, Natália Duane de Souza

Julho de 2016

VÍDEO	ÁUDIO
<p>CENA 1 - INTRO - EXTERNA Apresentação das fontes Trechos curtos dos mais importantes</p> <p>LETTERING 1: <i>Vale do Itajaí, Santa Catarina</i></p> <p>SONORA: Tânia Machado Fonte: DSC 0002</p> <p>SONORA: Anildo Fonte: DSC_0007</p> <p>SONORA: Gustavo Fonte: Entrevista Gustavo - parte 2, DSC 0021</p> <p>LETTERING 2: <i>Eu não te deixaria por nada, se possível</i></p>	<p>TRILHA: BANJO ARBA MINCH GARDEN/COOPER-MOORE SOBE SOM</p> <p>DESDE SOM OFF: PORQUE NÃO SOBRA NEM UM CENTAVO PARA VOCÊ RESPIRAR UM POUCO. EU DISSE, TÁ NA HORA DE NÓS TOMAR UMA ATITUDE. VENDE TUDO E VOLTAR PARA A CIDADE, PORQUE DESSE JEITO NÃO DÁ. SOBE SOM</p> <p>DESDE SOM OFF: MAS NA NOSSA REGIÃO AQUI, SE TIRAR FORA DO LEITE, DO FUMO E DA CRIAÇÃO, NÃO TEM OUTRA ÁREA QUE A GENTE CONSIGA VIVER. TU SE OBRIGA A FAZER ISSO DAÍ. SOBE SOM</p> <p>DESDE SOM OFF: Tinha épocas que conseguiam formar quatro times de futebol, só com a juventude da região e do sítio, hoje em dia não dá nem para formar meia dúzia. SOBE SOM</p> <p>DESDE SOM</p>
<p>CENA 3 - INT - RANCHO - DIA</p> <p>LETTERING 1: Pouso Redondo</p>	

<p>Legenda: <i>Eu vou começar pelo... Primeiro, tem como o senhor me falar seu nome completo e idade?</i></p> <p>Sonora: Agnêlio do Nascimento Fonte: 00_0001 GC: Aguinêlio do Nascimento, fumicultor</p> <p>COBERTURA: Brás liga tobata, passa por casa, pilha de lenha e sobe terreno. DSC_0159.</p> <p>SONORA: Agnêlio do Nascimento Fonte: 00_008 COBERTURA: DSC_0172. Outro ângulo, uma pouco mais de baixo, mais aberto. Interior : DSC_310,DSC_328,DSC_346, DSC_366 LETTERING 2: <i>A enchente de 1983 foi a pior desde 1911. 32 dias de cheia, 28 mil desabrigados, 49 mortos</i></p> <p>SONORA: Agnêlio do Nascimento Fonte: 00_001_002</p> <p>SONORA: Agnêlio do Nascimento Fonte: 00_00010003 COBERTURA: DSC_0289</p>	<p>OVER: SIM. EU TENHO 59 ANOS E NASCI EM 1957. É AGUINÉLIO DO NASCIMENTO. BRÁS É UMA TRADIÇÃO DUM APELIDO. SE FALAR PELO NOME AQUI MUITA POUCA GENTE CONHECE.</p> <p>OVER: EU NASCI NO MUNICÍPIO DE SERRA DA GUABIROBA. QUANDO EU ESTAVA COM 9 ANOS EU FUI TRABALHAR EM CAMPO DOS PADRES, PORQUE A GENTE ERA UMA FAMÍLIA MUITO POBRE, FOI FALAR A REAL, MEU PAI DEIXOU DA MINHA MÃE E DAÍ EU FUI TRABALHAR PRA SUSTENTAR MINHA MÃE. EU FIQUEI LÁ ATÉ 14 ANOS, TRABALHAVA COM SEU DELFONSO FERREIRA E COM A TIA VERA.</p> <p>OVER: NESSE LOCAL, EU VIM MORAR NESSE LOCAL EM 83, NÃO 84, PORQUE EM 83 DEU ENCHENTE E EU MORAVA PRA LÁ, EU TINHA PLANTADO COM O SOLÃO 30 HECTARES DE MILHO, MAS PERDEMOS TUDO, CHOVEU TRÊS MESES EM 83.</p> <p>OVER: (...)DEPOIS PASSEI A TRABALHAR COM O FUMO...</p> <p>OVER: PORQUE O FUMO É ASSIM, ELE É CANSATIVO, ELE É JUDIADO, POR QUE OLHÁ, EU TENHO DOIS MESES PARA COLHER, E CUIDAR DA ESTUFA DIA E NOITE, ENTÃO A PESSOA TEM QUE TÁ ALI ACORDADA, SE O FOGO CHEGA A BAIXAR, ESTRAGOU TUDO. ENTÃO TEM CHUVA NÃO TEM NADA, TU É</p>
---	---

<p>COBERTURA: Interior do quarto, estufa do lado de fora.</p> <p>SONORA: Agnêlio do Nascimento Fonte: 00_0006</p> <p>COBERTURA: Brás emboneca fumo sobre a mesa</p> <p>SONORA: Vídeo 3 [Brás sentado, antes de ir na estufa]</p> <p>Legenda 2: Sempre trabalhou com essa empresa?</p> <p>Lettering 3: <i>No sistema de integração, a empresa se beneficia da produção da baixo custo: não paga terra, não contrata mão de obra e não é responsável por questões trabalhistas</i></p> <p>SONORA: Vídeo 3 [Brás sentado, antes de ir na estufa]</p> <p>COBERTURA: DSC_0172. Outro ângulo, mais fechado.</p> <p>LETTERING 4: <i>O fumo é classificado de acordo com a qualidade, cor e a posição da folha na planta.</i></p> <p>COBERTURA: DSC_0304. Fechado no rosto. Cachorro latindo.</p> <p>COBERTURA: Imagens da família, quadro, Aguinaldo e Marco nascimento.</p> <p>SONORA: Entrevista Brás parte 6 (penúltimo vídeo)</p>	<p>OBRIGADO A COLHER. TU É OBRIGADO A COLHER.</p> <p>OFF: ESSE AQUI EU TO EMBONECANDO PARA MANDAR PARA A EMPRESA.</p> <p>OVER: EU VENDO PRA UNIVERSAL.</p> <p>NÃO, ANTES ERA COM A SOUZA CRUZ. ERA UMA FIRMA BOA, NÃO VOU CONTRA, MAS É MUITO LONGE. DEPOIS CHEGA LÁ TEM UMA COISA: OU VOCÊ ENTREGA PRA ELES, OU VAI EMBORA PAGAR O FRETE, O FRETE QUE VOCÊ PAGAR DE CÁ PRA BLUMENAU SAI MAIS CARO QUE O FUMO...</p> <p>OVER: ASSIM É O COLONO, EU NUNCA FAÇO, PODE PERGUNTAR PRA QUEM EU TRABALHO, ELES PEGAM FUMO E JOGAM NO MEIO DO BOM, ELES ESCONDEM NÉ, A FIRMA VAI LÁ E RACHA O FARDO, ELA ACHOU E VAI DESCER O CACETE, ELA NÃO VAI PAGAR PELO BOM, VAI PRO RUIM QUE TÁ DENTRO...</p> <p>OVER: AAA JÁ FAZ UM TEMPO, EM 2010 EU JÁ FIZ O DIVÓRCIO, NÃO AGUENTEI MAIS AQUELA SARNA... ELA SEGUIU SUA VIDA, EU SEGUI A MINHA, A FILHA MAIS NOVA ACOMPANHOU ELA, A OUTRA JÁ TINHA SUA IDADE E SE GOVERNAVA, OS DOIS PIÁS FICARAM COMIGO...</p> <p>OVER: MARCO CRISTIANO NASCIMENTO, AGUINALDO DO NASCIMENTO.</p> <p>OVER: ESSE AQUI ESTUDA, É O ESTUDANTE, O AGUINALDO, AGORA O MARCO NÃO TRABALHA MAIS, MACHUCOU O PESCOÇO PORQUE CAIU</p>
--	--

<p>LETTERING 5: <i>O jovem do campo estuda em média 9,2 anos, seis a mais que seus avós</i></p> <p>SONORA: Entrevista Brás parte 6 (penúltimo vídeo)</p> <p>SONORA: Penúltimo vídeo</p> <p>COBERTURA: DSC_0304. Fechado no rosto</p> <p>LETTERING 6: <i>O êxodo de jovens mulheres provoca a masculinização do campo. Na região Oeste de SC, são 184 homens para cada 100 mulheres.</i></p> <p>Legenda 3: <i>Você gosta de cavalgar?</i></p> <p>SONORA: Agnélio do Nascimento Fonte: 00_0001 00001</p> <p>SONORA: Agnélio do Nascimento</p> <p>COBERTURA: Brás trajado para montar DSC 0005</p>	<p>DA MOTO, ELE TAMBÉM TRABALHAVA NA AGRICULTURA...</p> <p>OVER: (...) ESSE ALI A GENTE COLOCA PRA TRABALHAR MAIS LEVE, TRATAR DAS GALINHAS, ESSE AI AJUDA, DO GADO...PRA MIM ELES TEM QUE FICAR NA AGRICULTURA, PRA CIDADE NÃO ADIANTA ELES IREM TAMBÉM.. ESSE VAI FICAR NA AGRICULTURA, ACABANDO O ESTUDO DELE...HOJE TUDO É DIFÍCIL, ATÉ PRA VARRER UMA RUA, TEM QUE TER CURSO!</p> <p>OVER:O PROBLEMA É ESSE AQUI, NÃO VOU DIZER MAIS TARDE, PORQUE ARRUMA UMA COMPANHEIRA, MAS POR ENQUANTO EU TENHO QUE FICAR COM ESSE PIÁ NÉ, ELE CAIU DO CAVALO, OU FOI TIPO DEPRESSÃO, PORQUE O MÉDICO NÃO ACUSOU NADA, DAÍ ELE TOMA REMÉDIO, ENTÃO SE FOR PRA PEGAR UMA PRA JUDIAR DELE, NÃO ME COMPENSA</p> <p>OVER: OOOO COMO ADORO! Ó, EU PRA MIM É ASSIM, VOU SER BEM FRANCO, SE TU ME MOSTRAR UM CARRO, EU SÓ DOU AQUELA OLHADA NÉ, É BONITO. AGORA UM CAVALO NÃO NÉ, SE MOSTRAR, EU VOU OLHAR DE PERTO, VOU OLHAR CAMINHAR... É UM ESPORTE! TODO DOMINGO TEM QUE IR PRA ALGUM LADO A CAVALO, É TODO DOMINGO NÃO ADIANTA</p> <p>OVER: AI APOSENTADO, É TODO DIA NAS COSTAS DO CAVALO, LAÇANDO NA VACA MECÂNICA</p> <p>TRILHA: WHIPLASH/DON ELLIS</p> <p>SOBE SOM</p>
--	---

<p>CENA 2 - EXT - CANCHA - DIA</p> <p>IMAGEM: Brás laçando vaca Fonte: DSC_0017, DSC_018, DSC_0019</p> <p>IMAGEM: Sequência - laçando DSC_009, DSC_011/037, DSC_039, DSC_053, DSC_013, DSC_072, DSC_0074</p>	<p>DESCE SOM</p>
<p>CENA 3 - INT - COZINHA - DIA</p> <p>SONORA: Ivonete Blázios Fonte: Entrevista Ivonete - Carne</p> <p>LETTERING 1: <i>Rio D'Oeste</i></p> <p>COBERTURA: Imagem da vaca de fibra DSC_009, DSC_016, DSC_053</p> <p>LETTERING 2: <i>A ausência de espaços de lazer no campo cria desejo pela migração</i></p> <p>COBERTURA: Imagens do Nildo assando carne e pessoal comendo DSC_040, DSC_041, DSC_042, DSC_043, DSC_045, DSC_048, DSC_49</p> <p>SONORA: Ivonete Blázios "Entrevista Ivonete - Repolho" GC: Ivonete Blasius, fumicultora</p>	<p>OVER: A VAQUINHA É DE FIBRA FORRADA COM CARPÊ. TÁ MEIO CAINDO JÁ AOS PEDAÇOS PORQUE FAZ TEMPO QUE A GENTE TEM FEITA, NÉ? TÁ COMEÇANDO A SORTA, JÁ TEM QUE ARRUMA ELA DE NOVO.</p> <p>OVER: ISSO FAZ UNS... TRÊS MÊS... DALI PARA MAIS QUE FOI FEITO ESSA CANCHINHA. ESSE ESPAÇO PARA ELES TÊ PARA BRINCAR NÉ. E DAÍ TÊ UM LUGAR PÁ O PESSOAL DO LUGAR TER TAMBÉM UM DIVERTIMENTO, PORQUE NÃO TEM TANTA COISA PARA SE DIVERTIR POR AÍ. DAÍ ELES VEM NO FINAL DE SEMANA TUDO PARA CÁ NÉ.</p> <p>OVER: VAI O DIA TODO. ELES VÊM AGORA DE MANHÃ, LÁ PELAS NOVE E MEIA, POR AÍ. NOVE HORAS ELES COMEÇAM A CHEGAR. DAÍ NOS ALMOCEMO MEIO DIA E A PARTE DA TARDE ELES LAÇAM, VÃO BRINCAR. ELES BRINCAM ATÉ DE NOITE.</p> <p>OVER: MEU NOME É IVONETE BLÁZIOS. EU NASCI EM AURORA, EU TENHO 39 ANOS.</p> <p>OVER: ESTUDEI ATÉ A QUARTA SÉRIE LÁ NÉ, PORQUE DEPOIS NÃO TINHA CONDIÇÃO DA GENTE IR PARA FORA PARA ESTUDAR TAMBÉM, NÃO TINHA COMO IR.</p>

<p>LETTERING 3: Apesar da agricultura familiar representar 87% dos estabelecimentos rurais, ocupa só 44% das terras em SC</p> <p>COBERTURA: Plano geral da região e da casa</p> <p>COBERTURA: Plano detalhe mãos e bacia de salada</p> <p>COBERTURA: Cavalos no pasto</p>	<p>OVER: FAZ VINTE ANOS QUE EU TO CASADA. CASEI E VIM EMBORA PARA CÁ.</p> <p>OVER: ELE É NATURAL DE TAIÓ NÉ, MAS DAÍ ELES MORAVAM AQUI DE ARRENDEIRO. AGORA, GRAÇAS À DEUS, ELES TEM O TERRINHO DELES. O PAI DELES, TUDO, É TUDO DONO DO TERRENO JÁ E TUDO NÉ, NÃO TRABALHA MAIS DE ARRENDEIRO. CADA UM TEM SUA CASA PRÓPRIA AGORA NÉ.</p> <p>OVER: MOREI TRÊS ANOS NA PRAÇA.</p> <p>OVER: ERA BOM E TUDO, MAS SÓ QUE LÁ A GENTE PAGAVA ALUGUEL NÉ. AQUI É TERRENO PRÓPRIO DA GENTE NÉ. DAÍ PARA SAIR DE CIMA DO QUE É TEU PARA PAGAR ALUGUEL NÃO COMPENSA NÉ.</p> <p>OVER: TRABAHEMO FORA, DAÍ VIEMOS PARA CÁ E PAGÁVAMOS ESSE TERRENO AQUI POR ANO. PAGAVA CINQUENTA ARROBA DE FUMO POR ANO A GENTE PAGAVA NÉ. E PLANTAMO FUMO TODA A VIDA.</p> <p>OVER: (...)FINAL DO ANO TIRAVA DO FUMO PARA PAGA A COMIDA QUE A GENTE COMIA O ANO INTEIRO E PAGA O TERRO TAMBÉM. FAZ UNS OITO ANO QUE TERMINEMO DE PAGA.</p> <p>OVER:É, NÓS TEMOS ATÉ SEIS CAVALO AÍ QUE É NOSSO. TEM UM QUE ELE TÁ AMANSANDO AGORA, OS OUTROS TÃO CHUCRINHO NÉ. DAÍ ELE AMANSA E VENDEM.</p>
<p>CENA 4 - EXT - PASTO - DIA</p> <p>SONORA: Anildo de Campos Fonte: Anildo entrevista completa</p> <p>LETERRING: Anildo de Campos, fumicultor</p> <p>COBERTURA: Homem retira cavalos</p>	<p>OVER: TU VAI ENSINANDO, MEXENDO, BOTA O CABRESTO, DEPOIS RÉDEA, MONTARIA... TU VAI TRABALHANDO ATÉ QUE ELE TE OBEDEÇA 100%. ENTÃO QUANDO A GENTE PEGA AQUI CHUCRINHO, (IVONETE INTERROMPE) LEVA UMA MÉDIA DE ATÉ TRÊS MÊS.</p>

<p>COBERTURA: Imagem de Anildo em outro ângulo. DSC_0009</p> <p>COBERTURA: Plano médio cavalo, irmão de Anildo faz cavalo deitar</p> <p>SONORA: Anildo entrevista completa COBERTURA: Imagem de Anildo em outro ângulo</p> <p>COBERTURA: Anildo em outro ângulo COBERTURA: Cavalos da propriedade DSC_001, DSC_002, DSC_003, DSC_004</p> <p>LETTERING 1: <i>O preço do fumo ao produtor pode ter grande variação, devido à demanda, volume e estoque.</i></p>	<p>OVER: UMA VEZ A GENTE FEZ UM CURSO PARA ADMINISTRAR, DAÍ ELES DISSERAM: "NÃO FIQUEM SÓ COM UMA COISA, QUE PODE NÃO DAR, DAÍ TU TÁ PERDIDO NÉ". ENTÃO TU TEM QUE INVENTAR MAIS COISA, PARA NÃO DEPENDER SÓ DAQUILO NÉ. DAÍ QUE NÓS PENSAMO E FOMO FAZER ESSE GALPÃO AÍ E MUDA UM POUCO MAIS NÉ. INVESTIR MAIS E TRABALHA COM OUTRAS COISAS TAMBÉM. NÃO FICAR SÓ NO FUMO. TRABALHEMO COM A CRIAÇÃO, DAÍ TEMO ESSES CAVALO AÍ PARA A GENTE MEXER. SE UMA COISA NÃO DÁ, A OUTRA DÁ. UMA COISA SEMPRE VAI DAR, NÉ?</p> <p>OVER: O FUMO É UM SERVIÇO MAIS RUIM PARA A GENTE TRABALHA E LUTAR, MAS É A ÚNICA COISA QUE TE DÁ UM DINHEIRO MAIS GARANTIDO NÉ.</p> <p>OVER: MAS NA NOSSA REGIÃO AQUI, SE TIRAR O LEITE, O FUMO E A CRIAÇÃO, NÃO TEM OUTRA ÁREA QUE A GENTE CONSIGA VIVER. TU SE OBRIGA A FAZER ISSO DAÍ.</p> <p>OVER: O PREÇO DO FUMO É BOM, MAS QUE NEM ANO PASSADO, ANO PASSADO DEU UMA MÉDIA DE OITENTA E SEIS REAIS A MÉDIA. E ESSE ANO, ERA A MESMA QUALIDADE DE FUMO E TUDO, E DEU UMA MÉDIA DE CENTO E QUARENTA E UM. PARA TU VÊ QUE VAREIA DE UM ANO PARA O OUTRO, CONFORME FALTA O FUMO ELES PAGAM.</p>
<p>CENA 5 - INT - SALA DE JANTA - DIA</p> <p>SONORA: Isaac Fonte: 0002001 COBERTURA: DSC_0005 LETTERING 1: <i>Correia é a esteira por onde passa o fardo de fuma para ser avaliado e estabelecer um preço</i> GC: <i>Isac Bracello, fumicultor</i></p>	<p>OVER: ANO PASSADO EU ESTAVA NA CORREIA DA CTA, E O CLASSIFICADOR ME DISSE, POIS É, O MARCELO, ESSE FUMO EU RECONHECERIA UM COL, MAS COMO TÁ RUIM, VOU TER QUE TE PAGAR O CL1 (?), E O QUE QUE A GENTE VAI FAZER? TRAZER PRA CASA E BOTAR NA SALADA NÃO DÁ. SE TÁ</p>

<p>LETTERING 2: <i>O fumo tipo Virgínia corresponde a 85% da produção estadual. Sua avaliação em dezenas de classes determina o preço da produção</i></p> <p>LETTERING 3: <i>A classificação é feita a olho nu pelo funcionário da empresa</i></p> <p>SONORA: Isaac Fonte: 0002000</p> <p>COBERTURA: Casa, galinha e esposa em frente à casa DSC_0003</p> <p>COBERTURA: Esposa de costas, na cozinha, foto dos pais de Isac</p> <p>SONORA: Isaac Fonte: 0002001 COBERTURA: DSC_0005</p> <p>COBERTURA: DSC_0005</p>	<p>RUIM, TU NÃO VAI TRAZER AQUELE PRODUTO DE VOLTA, PORQUE TEM QUE PAGAR O FRETE PRA TRAZE NÉ, E NÓS TEMOS QUE SOFRE CALADO.</p> <p>OVER: UM DIA EU CHEGUEI DA ROÇA, COM UMA TOBATADA DE FUMO E CHEGOU O INSTRUTOR, DAÍ EU ESTAVA TODO MOLHADO, PORQUE A GENTE SE MOLHA DE MANHÃ NÉ, DAÍ EU DISSE PRA ELE Ó SABE PORQUE NOS BRIGAMOS NA CORREIA, BRIGAMOS PELO NOSSO PRODUTO? É PORQUE A GENTE TÁ TODO MOLHADO, DAÍ EU CUIDEI DA ESTUFA NA NOITE INTEIRA NA FRENTE DO CALOR E O OUTRO DIA VAI PRA ROÇA E SE MOLHA... O QUE QUE VAI SOBRA PRA NÓS LÁ NO FUTURO? VAI SOBRRAR O REUMATISMO E DOENÇA NÉ</p> <p>OVER: NÓS PAGAMOS O SINDICATO E A AFUBRA, ELES CHEGAM NO FIM DO ANO E VÃO LÁ E BRIGAM PELO PREÇO DO FUMO, MAS NA HORA DE VENDER O FUMO, NÓS NÃO VIMOS NENHUM ASSISTENTE DO SINDICATO OU DA AFUBRA LÁ PRA AJUDAR A BRIGAR PELO NOSSO PRODUTO. PORTANTO FOI ANO PASSADO, ALI NA ALIANÇA, QUE OS COLONOS FECHARAM A EMPRESA E O QUE QUE DEU? A POLÍCIA FOI LÁ MANDAR OS COLONOS SAI E DEU, NÃO TEMOS APOIO DE UM GOVERNO, DE UM POLÍTICO, NADA.</p> <p>OVER: NÓS PAGAMOS UM SEGURO PRA AFUBRA PRA SE DER UMA GRANIZO, A AFUBRA PAGA UMA PORCENTAGEM, ENTÃO A AFUBRA RECEBE DE NÓS A TROCO DO B01, E ELE É A MELHOR CLASSE QUE NÓS TEMOS HOJE, OLHA, ELE DEVE TÁ EM TORNO DE 160 E ALGUMA COISA POR ARROBA, 15 QUILOS</p>
---	---

<p>COBERTURA: Em frente à cada, calendário Pouso redondo e Isac segura neta.</p>	<p>OVER: AQUI É EU, MINHA ESPOSA E O JOSIAS, QUE É NA CASA, EM CIMA DO TERRENO TEM MAIS O CRISTIANO E A FAMÍLIA...</p>
<p>CENA 6 - INT - COZINHA - DIA SONORA: Cristiano Fonte:003 GC: Cristiano Bracello, agricultor</p> <p>COBERTURA: detalhes da casa, esposa e filhosDSC_040</p>	<p>OVER: MOREI EM POUSO REDONDO E BLUMENAU, MAS NÃO QUERO MAIS. ACHO O CUSTO DE VIDA MUITO CARO LÁ. SAIU NO COMÉRCIO TÁ GASTANDO, E AQUI NÃO TEM MUITA OPÇÃO. NÃO TEM COM O QUE GASTAR.</p> <p>OVER: FOI BEM RÁPIDO (RISO). NA VERDADE FOI EM UM DIA. CHEGOU UM TIO MEU LÁ COM O CAMINHÃO. EU DISSE PARA ELA: "VAMO EMBORA?". "AH, VAMO TENTAR MAIS UM POUCO". DAÍ EU DISSE: "NÃO, EU TO INDO". PEGUEI E VIM EMBORA.</p> <p>OVER: NA VERDADE, O OPERÁRIO, OU TU TEM BASTANTE ESTUDO OU TU VAI GANHAR UNS R\$1.200,00. AÍ, MUITO INCOMODO. DAÍ NA ÉPOCA ELA TAVA DESEMPREGADA, SÓ UM PAGAVA ALUGUEL, NÃO TINHA CONDIÇÕES</p>
<p>CENA 7 - INT - SALA DE JANTA - DIA</p> <p>SONORA: Isaac Fonte: 0002000 COBERTURA: DSC_075. Sequência do ambiente: DSC_0018, 0024 LETTERING 1: <i>O trabalho na agricultura permanece sendo uma atividade herdada</i></p> <p>COBERTURA: DSC_075</p> <p>COBERTURA: DSC_0007</p>	<p>OVER: HOJE EM DIA TEM UMA LEI AÍ COM 18 ANOS NÉ, MAS COM 18 ANOS NÃO SE ENSINA FILHO A TRABALHAR... EU ACHO NÉ... COMO É QUE VOCÊ VAI ENSINAR UMA CRIANÇA DE 18 ANOS A TRABALHAR SE ELE VIVEU A VIDA TODA NA PREGUIÇA NÉ?</p> <p>OVER: DAÍ VEIO A ASSISTENTE SOCIAL E DISSE QUE NÃO PODIA TRABALHAR, SE VIESSE A ASSISTENTE DAVA PROBLEMA, ENTÃO EU DISSE, VOCÊS VÃO PEGAR E LEVAR ELE NÉ, PORQUE CRIAR FILHO NA PREGUIÇA NÃO TEM NÉ, AQUI NA ROÇA NÃO TEM</p> <p>OVER: A NOSSA DIVERSÃO É SÓ A IGREJA EVANGÉLICA, AÍ A GENTE</p>

<p>Sequência dentro da igreja, planos e pessoas variados: DSC_083, DSC_086, DSC_088, DSC_091, DSC_093, DSC_102, DSC_104,</p> <p>COBERTURA: Canto na igreja</p> <p>Cenas da igreja COBERTURA: DSC_107, DSC_109</p> <p>SONORA: Isaac Fonte: 0002001</p>	<p>VAI PRAS IGREJAS E NÓS CUIDAMOS DE UMA IGREJA EM ÁGUAS VERDES NÊ... NÓS CUIDAMOS DA CONGREGAÇÃO, ADMINISTRAMOS A IGREJA... ASSIM, NÓS FAZEMOS OS CULTOS, O CATÓLICO DIZ QUE É A MISSA NÊ, ENTÃO FAZEMOS CULTO UMA VEZ POR SEMANA...</p> <p>CANTO</p> <p>NÓS VAMOS LÁ, PREGAMOS A PALAVRA DE DEUS NÊ, NÓS TEMOS A BÍBLIA, QUASE COMO A CATÓLICA, O PADRE LÊ A BÍBLIA, ENTÃO NÓS LEMOS A PALAVRA DE DEUS E EXPLICAMOS PRO POVO, PORQUE SE O POVO NÃO TIVER NENHUM CONHECIMENTO, ELE VAI SER COMO UM ANIMAL NÊ... TEM GENTE QUE DEUS NÃO EXISTE NÊ, MAS SE NÃO FOSSE DEUS NÓS NÃO ESTARIAMOS RESPIRANDO O AR QUE NÓS ESTAMOS RESPIRANDO</p> <p>Áudio ambiente</p> <p>OVER: NÓS DEPENDEMOS DE DEUS NÊ, E PRA CADA UM DEUS DEU UM DOM, NÃO É PRA TODO MUNDO CONDUZIR UMA IGREJA NÊ</p>
<p>CENA 8 - EXT - FRENTE DA CASA - DIA COBERTURA: Imagens gerais, casa abandonada e placa</p> <p>SONORA: Nilton Bonatti Fonte: Entrevista Bonatti - Parte 1 GC: Nilton Bonatti, suinocultor e piscicultor</p> <p>COBERTURA: outro ângulo</p>	<p>OVER: NASCI DO QUARTO DA FRENTE ALI. NA VERDADE, OS PAIS TAMBÉM - É DO RIO DO OESTE E A MÃE DE AGRÔNOMICA. NUNCA SAÍ DO TERRENO, ACREDITANDO QUE AQUI AINDA TEM FUTURO. NÓS ERAMOS EM DOZE IRMÃOS.</p> <p>OVER: MAS ERA UNS ANOS QUE A GENTE LUTAVA, MAS AS COISAS TINHAM VALOR. HOJE, TREZENTOS SACOS DE ARROZ ERA QUE NEM COLHER NA MÉDIA DE CINCO MIL SACOS HOJE. E HOJE O CUSTO DE PRODUÇÃO FICOU MUITO ALTO. SE</p>

<p>Fonte: DSC_0054</p> <p>COBERTURA: outro ângulo DSC_0056. Imagem das lagoas, tratador, canoa e peixes na água DSC_0043, DSC_0052</p> <p>COBERTURA: Imagens da lagoa e tratador</p> <p>COBERTURA: Bonatti anda em direção ao rio onde puxa água</p> <p>LETTERING 1: <i>Brasil poderá perder 11 milhões de hectares de terras agriculturáveis devido a alterações climáticas até 2030</i></p> <p>COBERTURA: Entra em granja de suínos, imagens dos galpões e matrizes. DSC_0057</p>	<p>FOSSE HOJE PARA PRODUZIR AQUELES 500 SACOS QUE A GENTE PRODUZIA, NÃO SOBREVIVERIA MAIS. POR ISSO QUE EU PARTI PARA OUTRO RAMO NÉ: A SUINOCULTURA E A PISCICULTURA, PARA PODER SE MANTER NESSA PROPRIEDADE.</p> <p>OVER: A PISCICULTURA, COMO EU ORGANIZEI AQUI NA PROPRIEDADE, EU CONSTRUÍ QUATRO TANQUES.</p> <p>QUANDO ELE É PEQUENO PRECISA DE POUCO ESPAÇO, CONFORME ELE VAI CRESCENDO ELE PRECISA DE MAIS ESPAÇO. É ISSO QUE EU TO FAZENDO COM O PEIXE.</p> <p>OVER: ISSO DÁ UM CUSTO, DE EM TORNO DE, DE UM MÊS - FAZENDO UM CALCULO POR CIMA - DÁ EM TORNO DE 20 À 25 MIL REAIS DE DESPESA. VOCÊ PRECISA ENTÃO PELO MÍNIMO DE 25, DE 35 À 40 MIL PARA SOBRAR ESSES DEZ MIL PARA VOCÊ SOBREVIVER E MANTER A ATIVIDADE.</p> <p>OVER: SE A GENTE COLHESSSE TUDO QUE A GENTE PLANTA NA TERRA, OU NA PISCICULTURA QUE A GENTE NÃO PERDESSE NADA, NOSSA! ACHO QUE JÁ TERIA UM MILHÃO NO BANCO. SOBRANDO.</p> <p>OVER: ISSO É PARTE DE SER AGRICULTOR. TÁ EXPOSTO AO TEMPO, EXCESSO DE CHUVA. JÁ CHEGUEI A PERDER 8 MIL QUILOS. DEU AQUELA ENCHENTE EM 2011 - VOCÊS TÃO LEMBRADO? AQUILO VEIO TRAZENDO TUDO, ELA PASSOU POR CIMA AQUI DAS LAGOAS, DAÍ EU PERDI UMA PARTE DE PEIXE.</p> <p>OVER: O SUÍNO A GENTE TEM PARCERIA COM A PAMPLONA NÉ. ELES FORNECEM A RAÇÃO, O REMÉDIO, A ASSISTÊNCIA TÉCNICA, AS MATRIZES E O SÊMEN PARA A GENTE REPRODUZIR. EU DOU ENTÃO OS GALPÃO, A MÃO DE OBRA E A ENERGIA ELÉTRICA.</p>
---	---

<p>LETTERING 2: <i>Na suinocultura, o sistema de integração predomina no Brasil. Produtores independentes representam menos de 25% da produção.</i></p> <p>LETTERING 3: <i>Em abril de 2016, o quilo do suíno vivo foi comercializado por T\$3,20, enquanto o custo de produção estava acima dos R\$4,00</i></p> <p>SONORA: Entrevista Bonatti - Parte 2</p>	<p>NÓS CRIAMOS LEITÃO ATÉ SETE QUILOS - MÉDIA NÉ - DAÍ ELES VÃO PARA OUTRA PROPRIEDADE.</p> <p>OVER: UMA ÉPOCA EU TINHA PARTICULAR. DAÍ EU VI, COM O TEMPO, QUE COMEÇOU A VARIAR MUITO O PREÇO DA MATÉRIA PRIMA E A GENTE NÃO TINHA COMO COMPRAR EM QUANTIDADE. DAÍ UMA HORA VOCÊ COMPRA A PREÇO BOM, OUTRA HORA NÃO. VOCÊ TAVA ARRISCADO A QUEBRAR.</p> <p>OVER: ACREDITO QUE NO FUTURO DO INTERIOR SÓ VAI FICAR QUEM PRODUZ BASTANTE, QUE SE ATUALIZO DENTRO DA SUA ATIVIDADE. OS OUTROS VÃO TRABALHAR DE EMPREGADO, NÃO TEM OUTRA SAÍDA. QUEM FICOU E SE APERFEIÇO A VAI GANHAR DINHEIRO - BASTANTE DINHEIRO - PODE TER CERTEZA.</p>
<p>CENA 9 - INT - COZINHA - DIA</p> <p>COBERTURA: Campo LETTERING 1: Blumenau</p> <p>SONORA: Tânia Machado Fonte: DSC_0001</p> <p>SONORA: Tânia Machado Fonte: DSC_0003 COBERTURA: Imagem do queijo e nata, DSC_003 LETTERING 2: <i>Industrialização aumenta a renda do produtor. Tânia, ao fazer queijinho, lucra 64% a mais por litro de leite</i></p> <p>SONORA: Tânia Machado Fonte: DSC_0001 GC: Tânia Otto, produtora de queijo</p>	<p>TRILHA SONORA: BANJO ARBA MINCH GARDEN/COOREN-MOORE SOBE SOM</p> <p>DESCE SOM</p> <p>OVER: (...) O AGRICULTOR HOJE EM DIA TÁ RECEBENDO R\$0,65 O LITRO DE LEITE. ISSO É... UM PREÇO QUE COM ISSO VOCÊ NÃO CONSEGUE SOBREVIVER.</p> <p>OVER: NÓS TAMO AGREGANDO VALOR PARA FAZER O QUEIJINHO E A NATA PARA DEPOIS VENDER EM MERCADO, E PADARIAS E FEIRANTES VEM PEGAR. SE NÓS ERA PARA VENDER O LEITE, DAÍ NÓS JÁ TINHA FUGIDO FAZ TEMPO DA PROPRIEDADE.</p>

<p>SONORA: Tânia Machado Fonte: DSC_0002</p> <p>COBERTURA: Imagens do rancho onde é feita ordenha.</p> <p>COBERTURA: imagens de gado. DSC_0016, DSC_024, DSC_046</p> <p>SONORA: Tânia Machado Fonte: DSC_0003 COBERTURA: Filho de Tânia</p> <p>SONORA: Tânia Machado</p>	<p>OVER: NÓS NÃO PODEMOS AUMENTAR, PORQUE SENÃO NÃO VENDEMOS MAIS, E OS INSUMOS AUMENTARAM MUITO. ENTÃO, ISSO FAZ COM QUE VOCÊ TENHA POUCO LUCRO. VOCÊ NÃO PODE MAIS PEGAR E INVESTIR, PORQUE DEPOIS NÃO SOBRA NADA PARA PAGAR O FINANCIAMENTO.</p> <p>OVER: EU FAÇO PARTE DE UMA PEQUENA COOPERATIVA - EU FAZIA PARTE. FUI ATÉ FUNDADORA E INVESTI DINHEIRO PARA DAR CERTO ESSA COOPERATIVA. AINDA TÁ VIVA, MAS DE PERNA BAMBA NÉ. NAQUELA ÉPOCA QUE NÓS COMEÇAMOS ELAS TINHAM SETE MIL LITROS DE LEITE. HOJE TÃO COM MIL LITROS DE LEITE.</p> <p>OVER: A GENTE TEM TUDO QUE UMA INDÚSTRIA GRANDE TEM QUE TER: ALVARÁ, TEM QUE TER LICENÇA, LICENÇA DA FAEMA, TEM QUE FAZER TUBERCULOSO DO ?, TEM QUE VACINAR O GADO. TUDO QUE ELAS EXIGEM TEM QUE FAZER.</p> <p>OVER: NÓS JÁ TINHA MUITO MAIS INCENTIVO. VAMOS SUPOR, TUBERCULOSE O GOVERNO PAGAVA PARA NÓS. HOJE NÃO, É R\$25 POR CABEÇA. EU TENHO 50 VACAS, VÊ O VALOR ALTO QUE DÁ ISSO.</p> <p>OVER: VETERINÁRIO NA NOSSA PREFEITURA NÃO EXISTE MAIS. INSEMINAÇÃO, NÃO EXISTE MAIS. INSEMINAÇÃO NÓS TAMO FAZENDO SOZINHO. FIZEMO CURSO, APRENDEMO, E TAMO FAZENDO SOZINHO.</p> <p>OVER: SÓ VOU DIZER UMA COISA: SE ESSE MEU FILHO DE 20 ANOS QUE TÁ NA PROPRIEDADE SAIR, ACABOU. SE ELE RESOLVER DIZER ASSIM: "MÃE, CHEGA. EU NÃO FICO MAIS", PORQUE EU E O MEU MARIDO NÃO VAMOS DAR CONTA. PORQUE EU FAÇO AS EMBALAGENS, FAÇO AS ENTREGAS, EU FAÇO AS</p>
--	---

<p>Fonte: DSC_0002</p> <p>LETTERING 3: <i>Filhos que vão estudar na cidade deixam de auxiliar na propriedade</i></p> <p>LETTERING 4: <i>A contratação de funcionários requer investimentos e reduz as vantagens da agricultura familiar</i></p> <p>SONORA: Tânia Machado Fonte: Cobertura entrevista - parte 3 COBERTURA: Imagens dos ranchos, casa e animais</p>	<p>COBRANÇAS NÉ. AÍ TEM QUE CUIDAR DO GADO, CUIDAR DO LEITE, PASTEURIZAR... ACABOU-SE. SE MEU FILHO DECIDIR IR EMBORA, ACABOU-SE.</p> <p>OVER: O PROBLEMA DISSO TUDO É SE ELE NÃO ACHAR UMA PESSOA QUE AJUDA ELE. VOCÊS TÃO ME ENTENDENDO, SE ELE NÃO ACHAR UMA COMPANHEIRA QUE AJUDE ELE NISSO.</p> <p>OVER: OS OUTROS DOIS SE FORMARAM. UM EM ENGENHEIRO, E A FILHA SE FORMOU EM ADMINISTRAÇÃO E MARKETING. ELES RESOLVERAM SEGUIR O RUMO DELES. ELES DISSERAM QUE QUERIAM TER UMA VIDA MAIS FÁCIL. ANTES DISSO, ELA TRABALHAVA NA COOPERATIVA. HOJE ELA TÁ TRABALHANDO NUMA EMPRESA DA ALEMANHA. E, AÍ MUITAS VEZES ESSE PATRÃO DELA VINHA AQUI MUITAS VEZES E DIZIA: "POR QUE TU NÃO FICOU COM TEUS PAIS?"</p> <p>OVER: MAS TU JÁ VIU O CAPITAL QUE TEUS PAIS TEM AQUI NA PROPRIEDADE? ISSO NA CIDADE TU NÃO VAI CONSEGUIR ADQUIRIR. MAS NÃO ADIANTOU, ELA FOI EMBORA.</p> <p>OVER: EU VOLTARIA. ESSE ANO A COISA TÁ BRABA. SE AS COISAS NÃO MUDAREM PORQUE NÃO SOBRA NEM UM CENTAVO PARA VOCÊ RESPIRAR UM POUCO... DAÍ EU DISSE ENTÃO TÁ NA HORA DA GENTE TOMAR UMA ATITUDE. OU VENDER TUDO, E VOLTAR PARA A CIDADE, PORQUE DESSE JEITO NÃO DÁ</p> <p>OVER: (...) EU TINHA OPORTUNIDADES MUITO BOAS PARA NÃO TA NA AGRICULTURA, MAS ACHO QUE O AMOR FALOU MAIS ALTO. PORQUE SE EU QUISESSE HOJE EU PODIA TÁ MORANDO NOS ESTADOS UNIDOS. EU CONHECI UM RAPAZ QUE QUERIA ME LEVAR</p>
---	---

	JUNTO PARA LÁ, MAS NÃO ERA AQUILO QUE EU QUERIA. NÃO ADIANTA IR JUNTO COM ALGUÉM QUE VOCÊ NÃO AMA. DAÍ EU RESOLVI FICAR COM ESSE QUE EU REALMENTE AMAVA. EU SOU CASADA HÁ 28 ANOS COM ELE.
<p>CENA 10 - INT - FEIRA AGROECOLÓGICA - DIA</p> <p>Legenda: <i>Como é que funciona?</i> SONORA: Gustavo Fonte: DSC_0302 COBERTURA: Imagens da feira Agroecológica Proeb DSC_0300, DSC_0282, DSC_0303, DSC_0283, DSC_0286, DSC_0288 DSC_0311</p> <p>LETTERING 1: 90% dos alimentos orgânicos são produzidos por agricultores familiares</p>	<p>OFF: EU VENHO JÁ NA SEXTA-FEIRA À TARDE, DURMO DE NOITE AQUI EM BLUMENAU E JÁ ORGANIZO TUDO DURANTE SEXTA-FEIRA À NOITE, E SÁBADO DE MANHÃ À GENTE VEM PARA CÁ.</p> <p>OFF: FICA EM DONA EMMA, E A GENTE COMPRO A PROPRIEDADE JÁ UNS TRÊS ANOS ATRÁS E TAMO COMEÇANDO, ENGATINHANDO UM POUCO AINDA.</p> <p>OFF: A NOSSA IDEIA SEMPRE FOI TRABALHAR COM AGRICULTURA ORGÂNICA, SEM USO DE AGROTÓXICOS.</p>
<p>CENA 11 - INT - CHURRASQUEIRA - DIA</p> <p>SONORA: Gustavo Fonte: Entrevista Gustavo - Parte 1 GC: Gustavo Krummenauers, produtor de orgânicos</p> <p>COBERTURA: Mudança de ângulo Fonte: DSC_0019</p>	<p>OVER: QUERENDO OU NÃO É MUITO MAIS FÁCIL COM VENENO NÉ. ISSO SIM. SE TU TÁ CAPINANDO COM UMA ENXADA, TU VAI LÁ PASSA O VENENO E SECA TUDO NÉ.</p> <p>OVER: A GENTE GERALMENTE ROÇA, DÁ UMA CAPINADA, OU TU MEXE A TERRA COM TRATOR. DAÍ VEM CAPIM, TENS QUE CAPINAR. SE FOSSE OUTRA CULTURA JÁ PODERIAS PASSAR VENENO. CAPINAR, QUERENDO OU NÃO, É UM ESFORÇO FÍSICO MAIOR.</p> <p>OVER: (...) MAS É MAIS GRATIFICANTE TAMBÉM. TU NÃO TÁ SE ENVENENANDO, NÃO TÁ PERDENDO A TUA SAÚDE, TU NÃO TÁ ENVENENANDO A ÁGUA QUE TÁ TOMANDO DO POÇO AO LADO, ÀS PESSOAS ABAIXO. PORQUE A ÁGUA</p>

<p>COBERTURA: Gustavo vendendo. DSC_0298, DSC_0312 01'25''-1'42"</p> <p>LETTERING 1: <i>Na agricultura orgânica, o produtor costuma distribuir seus próprios produtos sem intermediação</i></p> <p>COBERTURA: Clientes na feira</p> <p>LETTERING 2: <i>100 gramas da fruta physalis custam R\$5,00</i></p> <p>SONORA: Gustavo Fonte: Entrevista Gustavo - parte 2, DSC_0021</p> <p>LETTERING 3: <i>Diversificação de culturas reduz riscos e aumenta rentabilidade, mas ainda há outros fatores que permitem o êxodo</i></p> <p>LETTERING 4: <i>Em 2000, 7,3 milhões de jovens de 10 à 19 anos viviam no campo. Destes, 4,7 milhões continuaram na área rural dez anos depois.</i></p>	<p>DO SÍTIO VAI PARA A CIDADE, O VENENO VAI TODO JUNTO E, QUERENDO OU NÃO, AS EMPRESAS QUE FAZEM TRATAMENTO DE ÁGUA NA CIDADE NÃO TIRAM ESSES.</p> <p>OVER: QUANDO EU COMECEI, AS VENDAS NÃO ERAM TÃO ALTAS. TU PRECISA SE TORNAR CONHECIDO, MAS OS CLIENTES COMEÇAM A CONHECER A TUA BARRACA, VOLTAR NA TUA BARRACA, COMEÇAM A FAZER ENCOMENDAS...</p> <p>OVER: NÃO, É UMA PLANTA QUE TÁ COMEÇANDO A FICAR MAIS CONHECIDA NO BRASIL. TANTO É QUE QUANDO A GENTE FOI APRESENTAR PARA AS PESSOAS, ASSIM.. NÃO TINHA ALGUÉM QUE FORNECESSE AINDA PHYSALIS PARA OS MERCADOS QUE A GENTE ABRIU A IDEA DA PHYSALIS</p> <p>OVER: A PESSOA QUE TÁ PLANTANDO FUMO PODERIA PLANTAR MAIS COISAS, PODE CONTINUAR PLANTANDO FUMO, MAS PLANTA NOZ PECÃ, OLIVEIRA, PARA DAR UMA RENTABILIDADE MAIOR E SEGURAR OS FILHOS NO CAMPO. PORQUE ELES NÃO VEEM FUTURO. ALGUNS ALI EU VEJO QUE NÃO VEEM FUTURO.</p> <p>OVER: TÁ PREOCUPANTE ATÉ. TEM PESSOAS QUE TÃO COMEÇANDO A FICAR COM SUA CERTA IDADE, ESTÃO SOZINHAS, NÃO TEM MAIS FILHOS - FORAM PARA A CIDADE - E ESSAS PROPRIEDADES VÃO ACABAR VIRANDO ÁREAS PARA PLANTIO DE EUCALIPTO NÊ, SE NINGUÉM MAIS ABSORVER AQUELE TERRENO. E TÁ CADA VEZ, TEM POUCOS JOVENS LÃ, COMPARADO COM MUNICÍPIOS VIZINHOS. TINHA ÉPOCAS QUE CONSEGUIAM FORMAR QUATRO TIMES DE FUTEBOL, SÓ COM A JUVENTUDE DA REGIÃO E DO SÍTIO, HOJE EM DIA NÃO DÁ NEM PARA FORMAR MEIA DÚZIA.</p>
---	---

<p>LETTERING 5: <i>Pessoas que não têm origem no campo e passam a viver da agricultura são chamadas de neo-rurais.</i></p> <p>LETTERING 5: <i>Os neo-rurais não querem mais ficar na cidade e têm especialização e dinheiro para investir nas culturas</i></p>	<p>OVER: É, CAMINHO CONTRÁRIO E EU NÃO ME ARREPENDO. É UMA EXPERIÊNCIA MUITO BOA. UM CONHECIMENTO EXTRAORDINÁRIO, PORQUE A NOÇÃO QUE EU TINHA AQUI EM BLUMENAU DE AGRICULTURA, E AGORA QUE EU FIQUEI ESSES TRÊS ANOS LÁ, É TOTALMENTE... MUDOU TOTALMENTE MINHA VISÃO. ATÉ LENDO NA INTERNET TU NÃO CONSEGUE TER UMA... TU VAI VENDENDO VÍDEO, NÃO É A MESMA COISA. ESTANDO LÁ, FAZENDO A COISA FUNCIONAR, VENDENDO, PRODUZINDO, SENTINDO ESSA LOUCURA DO CLIMA - NUMA SEMANA CALORÃO, NOUTRA GEADA - TU SENTE NA PELA COMO É REALMENTE TRABALHAR COM ISSO.</p>
<p>CENA 11 - EXT - FRENTE DA GARAGEM - DIA</p> <p>SONORA: Tânia Machado Fonte: DSC_0018</p> <p>COBERTURA: Página da revista</p>	<p>OVER: AQUI É A SENHORA? A CASA VELHA, ESSE É MEU SOGRO. ESSE É ESSE QUE TÁ DIRIGINDO O TRATOR AGORA. MINHA FILHA, MEU FILHO MAIS NOVO... E O MAIS NOVO NÃO TAVA AÍ AINDA? NÃO, NEM TAVA NO PROJETO ELE! 2001...</p> <p>OVER: EU SEI QUE EU CHEGUEI NA BANCA PARA COMPRAR UMA E TODO MUNDO OLHOU: MAS NÃO É A SENHORA QUE TÁ NA CAPA? É, SOU EU MESMO.</p> <p>OVER: AI MEUS DEUS. MAIS DAÍ TEM QUE PENTEAR UM POUQUINHO. A SENHORA NÃO MUDOU MUITO. MAIS VELHA, CABELO BRANCO.</p> <p>OVER: EU SINTO MUITO ORGULHO. ESSE DIA QUE ELES VIERAM AQUI E DISSERAM QUE NÓS ÍAMOS SER A CAPA DA REVISTA, OLHA... FORAM ÉPOCAS MUITO FELIZES ASSIM. SE EU EMBRO DESSAS ÉPOCA DÁ VONTADE DE CHORAR. MAS TUDO TEM UM FIM NÉ. ESPERAMOS NÉ. VEM NETOS, JÁ TEMOS UMA NETINHA, ENTÃO... TALVEZ TEM MAIS NETOS DEPOIS,</p>

	DAÍ A ALEGRIA VOLTA DE NOVO NÉ. PORQUE AQUI O SOGRO É A SOGRA E TRÊS NETINHOS NÉ... É. FAZER O QUE.
<p>CENA 12</p> <p>GC: Créditos finais Produção, Fotografia Edição e Finalização Ayla Nardelli Passadori, Natália Duane de Souza</p> <p>Orientação Carlos Locatelli</p> <p>Trilha Whiplash, Don Ellis Banjo Arba Minch Garden, Cooren-Moore</p> <p>Agradecimentos Aguinaldo do Nascimento Aguinélcio do Nascimento Ana Carolina Domingues Anildo de Campos Cristiano Bracello Gustavo Monsores Krummenauer Isac Bracello Ivonete Blasius Marco do Nascimento Nilton Bonatti Tamires Cristina Kleinkalf Tânia Hackbarth Otto</p> <p>Laboratório de Fotojornalismo/UFSC Laboratório de Telejornalismo/UFSC</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo - UFSC Julho de 2016</p>	<p>TRILHA SONORA: BANJO ARBA MINCH GARDEN/COOREN-MOORE SOBE SOM</p> <p>DESCE SOM</p>

